



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA AFRICA
DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS**

ÁTILA CONCEIÇÃO RODRIGUES

**A COSTA DO OURO NOS JORNAIS A TARDE E DIÁRIO DE
NOTÍCIAS ENTRE 1951 À 1957**

**CACHOEIRA-BA
2016**

ÁTILA CONCEIÇÃO RODRIGUES

**A COSTA DO OURO NOS JORNAIS A TARDE E DIÁRIO DE NOTÍCIAS
ENTRE 1951 À 1957**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Ms. Juvenal de Carvalho Conceição

CACHOEIRA-BA
2016

R696c Rodrigues, Atila Conceição
A Costa do Ouro nos jornais A Tarde e Diário de Notícias entre 1951 e 1957 / Atila Conceição Rodrigues. – Cachoeira, 2016.

74 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição.
Dissertação (mestrado profissional) - Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2016.

1. África, Oeste - História - 1951-1957. 2. A Tarde (Jornal) - Bahia. 3. Diário de Notícias (Jornal) - Bahia. 4. Jornais - Bahia. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. II. Título.

CDD: 960

ÁTILA CONCEIÇÃO RODRIGUES

**A COSTA DO OURO NOS JORNAIS A TARDE E DIÁRIO DE NOTÍCIAS
ENTRE 1951 À 1957**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, para a obtenção do título de mestre.

Aprovada em de de 2016

Prof. Dr. Kabengele Munanga – UFRB

Prof. Dr. Acácio Almeida Santos – UFABC

Prof. Ms. Juvenal de Carvalho Conceição – UFRB

Orientador

CACHOEIRA

2016

ÁTILA CONCEIÇÃO RODRIGUES

**A COSTA DO OURO NOS JORNAIS A TARDE E DIÁRIO DE NOTÍCIAS
ENTRE 1951 E 1957**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas, para a obtenção do título de mestre.

Aprovada em 29 de abril de 2016

Prof. Dr. Kabengele Munanga – UFRB



Prof. Dr. Acácio Almeida Santos – UFABC



Prof. Ms. Juvenal de Carvalho Conceição – UFRB

Orientador

CACHOEIRA

2016

Dedicatória

aos meus pais, aos meus irmãos a minha filha Asabi e a minha companheira.

AGRADECIMENTOS

Agradecer pimeiramente a Olorum. Louvo a Xangô que com a sua magestade fortaleceu a mim e minha família, nos ajudando a superar as dificuldades da vida, colaborando para alcançar mais este objetivo. Louvar também a Cosme e Damião que com sua alegria me fez superar os momentos de dificuldades que a vida nos submete. A Yemanjá que com sua ternura me trouxe bastante serenidade para não perder o foco. Gratificar a minha mãe Marli Josefina Conceição Rodrigues, meu pai Afrodísio das Neves Rodrigues e meus irmãos Armando e Alexandre que sempre me educaram e me prepararam para voos tão altos quanto esse, a minha condição de filho caçula me deu a oportunidade de aprender com cada um de vocês por todos os dias da minha vida. Só tenho a agradecer a Deus por fazer parte da vida de vocês. Coloco também estas palavras para minhas avós, avôs, tios, tias, primos e primas, presentes e distantes, que sempre torcem pelo sucesso da família, de todos sou um constante admirador.

É importantíssimo fazer um agradecimento mais do que especial a Lígia Soares uma mulher que com a sua ancestralidade, luz, força, fé, ou melhor com todo o seu encanto ilumina os meus caminhos. Sem os encontros com esta senhora este momento não seria possível.

Faço lembrar a importante presença de minha companheira Edvalda Lima que me proporcionou a codição de ser companheiro e pai, alegria que impulsionou a criatividade para realizar as pesquisas e a escrita. Palavras não tenho para agradecer a nossa filha Asabi dos Santos que apesar de pouco tempo é o infinito de energia que me incentiva ainda mais a buscar outros objetivos.

Agradeço aos camaradas, todos que contribuíram para minha caminhada acadêmica, mesmo aqueles que não fazem parte dela diretamente. São pessoas que me incentivaram a desbravar a imensa selva. Juntos a estes camaradas faço lembrar do meu Mestre Zé do Lenço que com certeza torce por mim e entende como ninguém a minha ausência.

Gostaria de lembrar que a sociedade em que vivo, com toda a sua brutalidade e segregação, me fez o homem que buscou a conclusão desta etapa dos meus estudos mesmo sabendo que por ela eu não deveria ter alcançado. Por isso faço lembrar o significativo papel dos meus professores desde a educação infantil. Assim é que agradeço ao meu orientador, professor Juvenal, que contribuiu na construção de mais um

profissional da educação comprometido com um ensino de qualidade que ajude a transformar a realidade de injustiça e desigualdade.

RESUMO

Este trabalho discute as representações sobre a Costa do Ouro em dois jornais baianos, o A Tarde e o Diário de Notícias, entre os anos de 1951 e 1957. Esta é uma região localizada na África Ocidental e que, neste período, estava envolvida no processo emancipação política. O objetivo principal desta dissertação é, a partir deste estudo de caso, ter uma ideia das representações sobre a África difundida por estes dois periódicos para a sociedade baiana, e refletir sobre a influência destas representações na sociedade. Assim foi desenvolvido um estudo das reportagens de cada periódico relacionando - as com a bibliografia existente sobre a região.

Palavras-chave: África; Costa do Ouro; cacau; imprensa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Capítulo 1 - A Costa do Ouro: do cacau à independência.	16
1.1 – Estabelecimento do Cacau e do Colonialismo	16
1.2 - Algumas Raízes do movimento de libertação na Costa do Ouro	20
1.3 – Marcha para autonomia	22
Capítulo 2 – Dois Jornais da Bahia	29
2.1 – A imprensa Baiana e a legitimação do poder	29
2.2 – Notícias do Diário	30
2.3 – O A Tarde em pauta	32
Capítulo 3 – A Costa do Ouro nos jornais da Bahia	35
3.1 – O que foi relevante para os Jornais e virou notícia?	35
3.2 – A Costa do Ouro em pauta no A Tarde	38
3.3 – Notícias da Costa do Ouro no Diário	53
3.4 – Comparando os jornais, analisado as notícias.	59
Considerações Finais	66
Referências	69

INTRODUÇÃO

O século XXI carrega desde seu início uma grande responsabilidade perante os povos de matriz africana aqui no Brasil. Isso se deve ao que foi proposto por lei para a educação básica nesta Era que apenas está em sua segunda década. A lei 10.639/03, que sofreu uma leve transformação, porém bastante significativa, e hoje está inserida na lei 11.645/08, inclui a História da África, dos povos africanos na diáspora junto com os seus legados culturais, nos currículos escolares da educação básica. Esta norma caracteriza a grande defasagem existente em relação ao ensino de História da África e os estudos africanos aqui no Brasil, mesmo sendo um país com uma profunda presença cultural, física, imaterial e social africana.

A existência africana na Bahia é notável ao ponto deste estado ser considerada a região com a maior população negra fora da África. E isto é patente nas características físicas, culturais, no idioma, ou seja, nas mais variadas práticas sociais na Bahia e em todo o território brasileiro. Os africanos foram trazidos ao Brasil entre os séculos XVI e XIX para, junto com os “Negros da Terra”, compor a mão-de-obra escravizada que construiu esse país trabalhando em todas as atividades. Esses seres humanos foram trazidos em quantidade tão significativa que acabaram por formar a maioria da população nacional.

O resultado do censo de 2010, realizado pelo IBGE, demonstra o grande percentual de negros e pardos que compõe a população brasileira pouco mais de um século depois do fim da escravidão. São um total de 96.795.294¹ autodeclarados negros e pardos, apesar de todo massacre físico e cultural. A necessidade de elaboração de uma lei que torna obrigatório o ensino de História da África e dos africanos na diáspora é um reconhecimento deste massacre, uma demonstração de que a condição dos indivíduos negros na sociedade brasileira esteve, e continua cercada pela omissão, ausência e deturpação das contribuições africanas para a História do Brasil e mundial.

A ausência do passado africano nos diversos segmentos da sociedade e nos níveis da educação brasileira alimentou a necessidade de informações acerca do que era mais presente no cotidiano nacional. Segundo Hédio Silva:

¹ Dados encontrados em: <http://www.afropress.com/post.asp?id=15404> acesso em 03/11/2015.

Outros estudos consideram a questão do silêncio escolar sobre o assunto, como uma forma de manutenção das diferenças. Entretanto, este silêncio não é em si mesmo uma ausência de discurso, mas um discurso em que o não dito ganha significados ambíguos ou se estabelece em relação apenas a uma das partes da relação. (SILVA, 2002, p. 49)

Em relação à existência da população negra é nítido um arsenal de termos e ações pejorativas, elaborados pelas classes dirigentes, que dificultam as vivências da população preta no Brasil. O antropólogo Kabengele Munanga, no capítulo inicial do livro “*Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*”, discute as relações raciais examinando como alguns teóricos se alimentaram das teorias raciais europeias e dos Estados Unidos para explicar a situação racial nacional, e também a construção da nacionalidade, tida por estes como problemática devido a diversidade racial derivada da presença dos negros e indígenas. (MUNANGA, 1999) Estas teorias, em sua maioria, defendiam a ideia da mestiçagem com o propósito da população futuramente se tornar mais branca.

Esta condição estabelecida por estes teóricos esta intrincada também com representações negativas da população negra, da sua herança cultural, filosófica e do seu local de origem, o continente africano. Tentar apagar ao máximo a herança africana no Brasil foi uma das estratégias das classes dirigentes ao elaborarem tais teorias raciais com o objetivo de construir uma supremacia branca para a sociedade brasileira. A África foi vista de maneira negativa por grupos sociais no Brasil que através da literatura, de músicas, de teses científicas, dos jornais, entre outros, disseminavam ideias sobre uma África animalesca, homogênea ou “de uma África exótica, terra selvagem, como selvagem seriam os animais e pessoas que nela habitam” como afirma Zamparoni ao caracterizar o imaginário nacional sobre o continente africano. (ZAMPARONI, 2007, p.46).

E para alcançar esta hegemonia foram vários os meios de propagação das ideologias de supremacia branca, como os livros didáticos, músicas, cantigas para dormir, ideais de beleza, jornais, entre outros veículos que tinham um longo alcance na sociedade. A atuação dos jornais pode ser sim considerada como um dos mais atuantes veículos propagadores da hegemonia branca estabelecida pelas classes dirigentes. No final do século XIX e início do XX, o mesmo do desenvolvimento das teorias raciais, os jornais

ganharam uma nova característica, o de certificar o interesse político e econômico dos proprietários das empresas jornalísticas, passando a “expressar, sempre, interesse de classes sociais, expressar seus valores, seus objetivos e sua cultura.” (CARVALHO, 2009, p.67).

Em torno desta nova postura dos jornais estavam inseridos representantes políticos e grandes empresários que operavam este veículo de comunicação para a propagação de seus ideais sociais, políticos, econômicos e culturais. Neste contexto é que examinamos os jornais A Tarde e Diário de Notícias. Tais veículos atingiam uma parcela da população baiana que se alimentava de informações através deles, sendo consumidores e formadores de opinião na Bahia. Porém, não podemos esquecer que estamos falando de uma camada restrita, parcela da elite letrada que opina, produz e reproduz ideologias.

Ao observar como um dos principais veículos de comunicação é utilizado pelas classes dirigentes em favor dos seus interesses ideológicos, morais, culturais, sociais, políticos e econômicos podemos conceber o pensamento de que algo sobre a África e os africanos foi representado pelos periódicos. Daí a relevância em estudar a Costa do Ouro, a África Ocidental ou a África em geral, uma pesquisa sobre o que foi dito acerca do local de origem de milhões de africanos que foram trazidos para as Américas. Espero com isso contribuir para o acervo sobre a África e os africanos e auxiliar a aplicação da lei 10.639/03.

É inquestionável a existência de significativos trabalhos sobre a temática abordada pela lei, no entanto ainda é necessário se aprofundar nas especificidades encontradas nas vivências dos africanos na diáspora e na África, e até mesmo sobre o que foi dito destas vivências. E esta é a proposta deste trabalho, observar e, conseqüentemente, tecer algumas considerações sobre as representações de África a partir de um caso específico, a Costa do Ouro na cobertura de dois jornais da Bahia, o Diário de Notícias e o A Tarde.

Trata-se de dois periódicos de destaque na História do jornalismo baiano, pois foram jornais de grande circulação na cidade de Salvador, além de terem sido dirigidos por pessoas influentes da política na Bahia. Segundo Peixoto Junior, O Diário de Notícias exerceu forte influência na vida política e cultural da Bahia, pois sempre foi dirigido por figuras de destaque nos meios políticos e intelectuais do Estado (PEIXOTO JÚNIOR, 2003). Já o A Tarde, pertencente a Ernesto Simões Filho, desde os primórdios em 15 de outubro de 1912 tem tendência política declarada, se afirmando como o jornal de combate aos governos estabelecidos. Segundo Sampaio, as opiniões do A tarde, “em face dos

problemas locais e nacionais confundiam-se com os interesses de seus fundadores, diretor e proprietário” (SAMPAIO, 2001, p.5650).

Trata-se de dois periódicos representativos da política partidária local e nacional, da manutenção e propagação de conceitos ideológicos dos grupos hegemônicos, cada um deles estava vinculado às tendências de grupos políticos opostos aqui existentes, que utilizavam estes meios de comunicação para alcançar objetivos particulares e difundirem suas crenças e valores. Um exemplo disso foi o posicionamento dos jornais durante a II Grande Guerra quando o A Tarde declarou apoio aos países Aliados e o Diário de Notícias anunciou seu apoio aos países do Eixo.

Cabe ainda justificar a escolha de uma região específica como base deste estudo. A diversidade do continente africano não favorece uma análise aprofundada do seu todo, por esse motivo será tratado nesta dissertação um caso em específico, a região da Costa do Ouro, atual República do Gana.

Nesse sentido, a pesquisa realizada investigou a representação da Costa do Ouro no Diário de Notícias e no Jornal A Tarde entre os anos de 1951 e 1957. Este trabalho foi desenvolvido inicialmente como um projeto de pesquisa de conclusão do curso de graduação em História. Naquele momento tratava da representação do processo de independência da Costa do Ouro no Jornal A Tarde, o que permitiu uma primeira aproximação com a bibliografia e com o trabalho com os jornais.

A inclusão do Diário de Notícias como fonte já no trabalho para o mestrado tinha como objetivo possibilitar uma análise comparativa entre duas tendências políticas opostas.

Os marcos temporais da pesquisa foram definidos levando em consideração o processo de luta pela autonomia política da Costa do Ouro. No ano de 1951 Kwame Nkrumah, fundador e líder do Convention People's Party (CPP) foi eleito para parlamento colonial. Esse partido conquistou 34 dos 38 assentos. A partir de então passou a ser posta em prática a “*Ação Tática*” (BINEY, 2011, p. 47), um conjunto de ações estratégicas, compartilhadas entre os parlamentares africanos e coloniais, para o alcance da emancipação política que se concretizou no ano de 1957, momento que tomei como marco final da pesquisa.

A região da Costa do Ouro foi a primeira que conquistou a sua emancipação política na África subsaariana e uma das características deste processo foi a inexistência

de luta armada, o que não indica a ausência de conflitos, prisões e choques. Outra característica peculiar da busca pela autonomia política na Costa do Ouro foi a utilização de ideias pan-africanistas no nacionalismo político da região sendo Nkrumah, líder da luta na pela independência da Costa do Ouro, um expoente e referencial continental, um dirigente que sempre defendeu a necessidade de uma emancipação de todo o continente africano². Diante destes fatos a Costa do Ouro torna-se uma região com inúmeros atrativos, afinal em pleno século XX esta região africana promovia eventos que aspirava a emancipação da África como um todo, por isso é importante buscar informações e notícias sobre este território.

Para elaboração desta dissertação foi então realizada uma pesquisa inicial no jornal A Tarde e no Diário de Notícias sobre as reportagens nas quais a Costa do Ouro foi mencionada. O foco inicial era verificar como o processo de luta pela emancipação política foi representado na cobertura feita por esses jornais. No entanto, ao concluir essa etapa, constatei que a fonte nos oferecia uma cobertura mais acentuada sobre a produção cacauífera da Costa do Ouro do que sobre o processo de independência³. O resultado mais geral da pesquisa é de que a presença da Costa do Ouro nos jornais estudados era motivada pelas preocupações econômicas em função da concorrência dos produtos africanos com os produtos da economia baiana.

Os caminhos percorridos por esta pesquisa variaram de acordo com o que a fonte e objeto da pesquisa foram oferecendo. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a luta de libertação na Costa do Ouro contra o colonialismo britânico. No entanto, como o material levantado tinha uma predominância marcante de notícias sobre a cultura do cacau, que era o principal produto exportado pela região durante o século XX, optei por iniciar a contextualização do território em destaque a partir das primeiras plantações de cacau, no ano de 1879, e percorrer sobre o mesmo até o ano da emancipação política, sem deixar de mencionar a relação existente entre colônia e metrópole, etapa que está localizada no primeiro capítulo desta dissertação.

² “Na história do pan-africanismo, como movimento de libertação, o período entre 1950-1965 foi dominado pela figura de Kwame Nkrumah. Através de suas declarações, da sua ação e do seu exemplo, Nkrumah mobilizou, em favor da causa pan-africana, os dirigentes africanos dos movimentos de libertação e dos Estados independentes. Segundo ele, como declarou na noite da conquista da soberania pelo seu país, a independência de Gana não tinha sentido senão na perspectiva de uma libertação completa do continente africano” (KODJO e CHANAIWA, 2010, p.900)

³ Agradeço as observações feitas pela banca no exame de qualificação que, entre numerosas sugestões, me alertou para a evidência que os dados indicavam.

Os jornais ofereceram ao todo 50 reportagens e estas, em sua esmagadora maioria, fizeram referências à produção de cacau na Costa do Ouro. Diante desta condição a bibliografia teve que ser acrescida de materiais que fizessem menção a cultura do cacau nesta região.

Acervo bibliográfico que foi fundamental para a fundamentação teórica da pesquisa foi aquele sobre a relação entre imprensa e História que auxiliam de maneira técnica o estudo da fonte e como utiliza-la a serviço do historiador. A relação entre História e Imprensa tem se estreitado bastante desde o final do século passado. Tania Regina de Lucca declara que na década de 1970, “ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil”. (LUCA, 2008, p. 111). Outra autora que relata esse recente diálogo entre História e imprensa é Zicman que sustenta a tese de que esta é uma relação “relativamente virgem, e que nos últimos dez anos vimos aparecer uma série de trabalhos que utilizam os jornais como fonte.” (ZICMAN, 1985, p. 01).

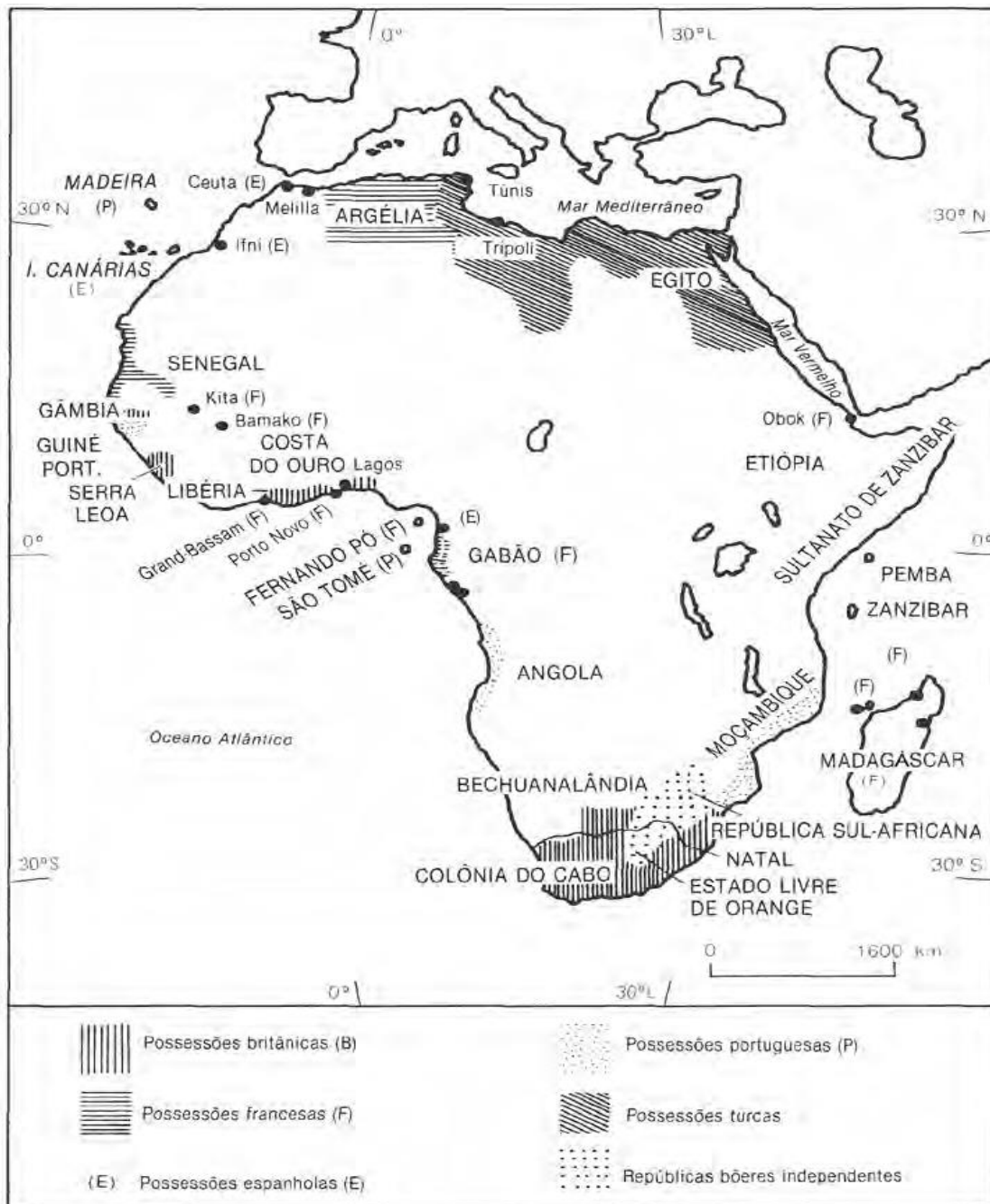
Os jornais são fontes produzidas com uma frequência que facilita o acompanhamento, a visualização de determinados eventos a nível local e global. Ainda mais se tratando do período que este estudo abarca quando os mesmos dividiam com o rádio a tarefa de circular as notícias internacionais, com base em correspondentes e, principalmente de agências de notícias.

Assim foi feita a verificação de todas as edições dos jornais para localizar e fotografar as referências à Costa do Ouro abordando aspectos como a data de publicação, a página em que está localizada a reportagem, o seu autor e a agência que serviu de fonte. Foi com o exame das reportagens, sua estrutura, organização nos cadernos, linguagens e local de onde são enviadas as notícias internacionais que busquei entender as representações construídas pelos jornais.

Sabendo que o jornal “reuniu ferramentas da propaganda política e as transverte de jornalismo no intuito de construir imagens e fatos” (PEIXOTO JUNIOR, 2003, p. 21) é necessário um exame da produção jornalística para uma construção mais efetiva do posicionamento dos periódicos abordados na pesquisa.

Por certo algumas questões logo surgem: De onde vem a informação? Para quem se destina a informação? O que informa? Sobre o que silencia? Em qual página se encontra a reportagem? Possui ilustração? Qual a localização da mesma na página? E

essas foram algumas das questões que permearam a análise das fontes⁴, cujos resultados apresento a seguir.



A África em 1880, em vésperas da partilha e da conquista. Ver (BOAHEN, 2010, p.2)

⁴ Uma série completa dos jornais pode ser encontrada no Arquivo Público da Bahia, Biblioteca Pública da Bahia e no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

1º CAPÍTULO - A COSTA DO OURO: DO CACAU A INDEPENDÊNCIA

1.1 - Estabelecimento do cacau e do colonialismo

Neste capítulo inicial apresento uma contextualização da Costa do Ouro utilizando como referencial o assunto mais abordado pelos jornais analisados: o cacau. O mesmo era o principal produto da pauta de exportações da região que era, no período estudado, uma referência no cultivo e na comercialização a nível mundial. Portanto será aqui exposto um breve histórico da região em destaque tendo como parâmetro temporal o final do século XIX, mais especificamente o ano de 1879 quando teve início as primeiras plantações de cacau da Costa do Ouro.

A Costa do Ouro, que corresponde hoje à República de Gana, está localizada na Costa Ocidental da África tem como fronteira ao norte o Burkina Faso, a leste o Togo, a sul o Golfo da Guiné e a oeste a Costa do Marfim. Esta região teve a sua independência proclamada no ano de 1957. A mesma foi colonizada unicamente pela Grã-Bretanha⁵, que garantiu a exclusividade no controle do território, após a retirada de outras nações europeias no final do século XVIII. A partir de 1858 a colônia, na condição de protetorado inglês, passou a ser administrada por um governador, um conselho legislativo e um conselho executivo.



Figura 2: Localização da República de Gana. in: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/7a/Ghana_-_Location_Map_%282013%29_-_GHA_-_UNOCHA.svg/480px-Ghana_-_Location_Map_%282013%29_-_GHA_-_UNOCHA.svg.png acesso em :04/03/2016.

⁵ Os ingleses sentiram a necessidade de ter mais controle sobre a região, para isso, compraram dos holandeses os fortes sob a sua responsabilidade, que saíram do litoral deixando apenas os ingleses na região. (ARHIN e K-ZERBO, 2010)

Na condição de colônia a Costa do Ouro teve como política oficial imposta pelos britânicos a administração indireta – *indirect rule* –, na qual a metrópole detinha o controle da relação externa, das finanças e segurança da região sob a sua tutela. Assim como na esfera política, o colonialismo inglês na Costa do Ouro causou inúmeras mudanças também no plano social e econômico. Principalmente na economia, como pode ser constatado na transformação do cultivo do cacau em atividade hegemônica.

As primeiras tentativas feitas no século XIX para introduzir árvores de cacau da América do Sul na Costa do Ouro não eram de importância comercial. Embora não fosse o primeiro a levar mudas de cacau para a Costa do Ouro, Tetteh Quarshie, um ferreiro Ga de Christiansborg, desempenhou um papel fundamental na sua divulgação e posterior desenvolvimento na região. Este fazendeiro local levou mudas do produto de Fernando Pó e começou uma pequena produção. O cultivo de cacau se espalhou rapidamente devido, tanto ao clima ideal da Costa do Ouro quanto à natureza empreendedora dos agricultores Akwapim na região oriental, que usaram de capitais auferidos no comércio de minérios e do óleo de palma para comprar lotes de terra na floresta e plantar a nova safra. A produção mais tarde se espalhou para as regiões centro-oeste Ashanti.

O século XIX foi bastante movimentado e com transições velozes nas relações entre os europeus e os povos da Costa do Ouro, principalmente os Fanti e os Ashanti, esta última foi a civilização que resistiu com a sua formação política por mais tempo ao colonialismo inglês: “em nenhuma outra parte da África ocidental houve tão longa tradição de luta entre os africanos e os europeus como entre os Ashanti e os britânicos na Costa do Ouro” (GUEYE e BOAHEN, 2010, p. 147).

O grande complexo Ashanti compreendia então três tipos de unidades territoriais. Em primeiro o grupo de chefaturas Ashanti. A segunda categoria de Estados neste vasto império foi constituída por Estados Akan que faziam fronteira com o país Ashanti, e finalmente,

“A terceira categoria de Estados incluía territórios geográfica e culturalmente distantes, como o Dagomba, o Mamprusi e o Gonja. Eles eram essencialmente considerados como obrigados a contribuir para o desenvolvimento econômico ashanti.” (ARHIN e KI-ZERBO, 2010, pp. 779-780).

No século XIX a dinastia Ashanti “exercia na costa, assim como nos reinos dependentes ao Norte, um incontestável poder político e econômico” (ARHIN e K-

ZERBO, 2010, p. 772). Os povos da região costeira da Costa do Ouro, organizados em pequenos reinos foram submetidos a este grande império. E era com este Império que os britânicos confrontavam durante as tentativas de invasão na Costa do Ouro, visando firmar a sua presença na região.

Os Britânicos atacaram a nação Ashanti em 1874 e declararam-na um território colonial. Eles não foram capazes de controlar toda a área que hoje é conhecida como Gana, mas na época (1874) começaram a fazer drásticas mudanças nas estruturas sociais da sociedade Ashanti.

Em 1900, os britânicos exigiram que os Ashanti destruíssem o banquinho de ouro sagrado da nação Ashanti que representava a “alma” do povo e do seu sistema de governo. Isto causou uma revolta na região que levou a outra invasão militar Britânica em 1901 e assim conduziram à colonização total dos Ashanti. Depois de quase um século de longa luta pela predominância os ingleses ganharam o controle político e econômico sobre os Ashanti.

Nas primeiras décadas do século XX a Costa do Ouro se encontrava em plena efervescência política com as transformações causadas pelo estabelecimento do colonialismo, mesmo assim a sua produção cacauera acabou se tornando o principal produto de exportação da região. Conforme nos diz Frankel, a Costa do ouro “entre (1900-1930) se tornou maior produtor de cacau do mundo” (FRANKEL, 1974, p. 02). No entanto após este período a indústria cacauera na Costa do Ouro se estabilizou, e não aumentou novamente até a década de 1960. Já o período entre guerras foi marcado por uma desaceleração na produção de cacau, causada pela diminuição da demanda crescente e dificuldades nos transportes (KOLAVALLI e VIGNERI, 2011, p. 202).

A produção de cacau na Costa do Ouro, neste período, representava cerca de 80% das exportações da região. Apesar do sucesso da florescente indústria do cacau, os agricultores viam muito pouco do lucro derivado de seu trabalho. Com a finalidade de enfraquecer a atuação dos europeus, principalmente britânicos (GROSSMAN-GREENEE e BAYER, 2009) e insatisfeitos com um sistema em que as empresas estrangeiras conspiraram para controlar os preços pagos pelo cacau, os produtores, agricultores e comerciantes ricos africanos encenaram um boicote e se recusaram a vender seu cacau aos armazéns estrangeiros em 1937/38.

Esta ação dos grupos ligados à produção cacaueteira indica uma das condições existente na Costa do Ouro que, mesmo com o estabelecimento do colonialismo, como sinaliza Kaniki, no período entre guerras os africanos da região conseguiram manter as suas terras⁶ e “... não ficaram devendo isso nem a uma política deliberada da administração colonial...” (KANIKI, 2010, p. 446), assim percebe-se, em certa medida, como africanos fizeram uso da resistência no setor econômico para combater as ações do colonialismo.

Uma significativa condição para o estabelecimento desta situação na produção cacaueteira da Costa do Ouro foi ter a sua “expansão desenvolvida quase totalmente pela iniciativa africana” (RODNEY, 2010, p. 390), assim como expõe Kaniki ao situar que os produtores africanos eram capazes de satisfazer as demandas designadas para o mercado externo. Ainda é importante destacar os atos hostis da população perante as tentativas de tomadas de terra e/ou introdução do trabalho obrigatório em grande escala nas plantações.

“O período compreendido entre 1919 e 1935 é visto como o de apogeu do colonialismo na África ocidental, mas não se deve esquecer que ele também foi o do auge da resistência ao colonialismo e das atividades nacionalistas.” (BOAHEN, 2010, p. 728). As dificuldades da fase inicial do movimento nacionalista africano na Costa do Ouro eram um reflexo do nível de agressividade que caracterizavam o sistema colonial Britânico. Após as guerras Anglo-Ashanti, os Britânicos usaram a força militar e da deportação para controlar a oposição nacionalista.

1.2 - Algumas Raízes do movimento de libertação na Costa do Ouro

⁶ “Ainda em 1894 e, depois, em 1897, aplicaram a Lands Bill (lei agrária) na Costa do Ouro (atual Gana), para garantir o controle direto das terras declaradas devolutas. Em reação a essa lei, a elite instruída e os chefes tradicionais criaram, em 1897 (ver o capítulo 6), a Aborigines’ Rights Protection Society (Sociedade de Proteção dos Direitos dos Indígenas). Em maio de 1898, a Sociedade enviou a Londres uma delegação que, argumentando não haver terras devolutas na Costa do Ouro nem qualquer parcela de terra que não pertencesse a esta ou àquela família africana, conseguiu convencer o Colonial Office a revogar a lei.” (KANIKI, 2010, pp. 445 - 446)

Ainda persiste um questionamento em relação ao processo de busca pela autonomia que é saber quando realmente começou a luta pela emancipação que culminou na independência da Costa do Ouro. Afinal as resistências à colonização sempre existiram em todo o continente africano inclusive na região que estamos retratando. Por exemplo, em “1920 Archie Casely-Harford funda, na Costa do Ouro, o Congrès d’Afrique Occidentale e reivindica a inclusão de uma representação africana no Conselho do Governador.” (BENOT, 1981, p. 90).

Segundo M’bokolo, o fim da Primeira Guerra Mundial com a política de punição à Alemanha aparentava ser o momento em que a colonização seria posta em debate, no entanto foi o momento no qual o ideal colonial ganhou mais terreno na classe política europeia. (M’BOKOLO, 2011).

O período entre as duas guerras foi o de verdadeira implantação dos sistemas de administração nas colônias. À medida que iam progredindo a conquista e a “pacificação”, os países colonizadores foram tomando as disposições necessárias para organizar e, tanto quanto possível, manter os territórios sob seu domínio. (M’BOKOLO, 2011, p. 452)

Já a III Internacional Comunista afirmava desde o seu primeiro congresso que a dominação do capitalismo e o imperialismo caminhavam juntos e declarava o direito à independência de todos os povos colonizados e dependentes, contudo, segundo Yves Benot, a penetração destes ideais em África foi bloqueada pelo colonialismo que, “se empenhavam em murar, em isolar, das correntes ‘subversivas’ existentes no Mundo e mesmo, simplesmente, do Mundo em si.” (BENOT, 1981, p. 90).

Momentos como os congressos pan-africanos de 1919 a 1927 poderiam servir como ponto de partida para as reivindicações em defesa da independência das regiões colonizadas em África, mas estes encontros “insistiram fundamentalmente na realização de reformas tendentes a atenuar as injustiças mais gritantes da ordem colonial (direito a terra, direito a segurança individual)” (BENOT, 1981, p. 89). Estes encontros já reivindicavam a participação de africanos nos governos de seus países, porém este objetivo não era apresentado como fim imediato, nem colocado em primeiro lugar. As coisas mudaram a partir do V Congresso Pan-Africano de Manchester, realizado em 1945. Elikia M’Bokolo considera que o “vigor e firmeza das ideias que se exprimiram no Congresso de Manchester punham em evidência uma nova África: a que marchava para a sua emancipação.” (M’BOKOLO, 2011, p. 574).

Yves Benot acrescenta que foi “...a partir do V Congresso Pan-africano – em Manchester –, que, em outubro de 1945, veio colocar as independências no primeiro plano das reivindicações.” (BENOT, 1981, p. 91). Assim como Kodjo e Chanaiwa que ratificam “Neste congresso, pela primeira vez, durante toda a história do movimento pan-africano, os representantes africanos eram os mais numerosos e os debates envolveram, essencialmente, a libertação da África colonizada.” (KODJO e CHANAIWA, 2010, pp. 897-898).

Este congresso foi tão significativo e estava tão convicto da necessidade das emancipações em África que as sugestões de lutas para o alcance deste objetivo como “greve, o boicote, e a organização política e sindical” foram colocadas (BENOT, 1981, p. 147). É importante frisar também que a difusão dessas ideias fora da área de dominação britânica foi reduzida.

A escolha de certos meios como os essenciais da luta para conquistar a independência dava uma impressão de certa dose de moderação, porém em um dos documentos do encontro Nkrumah sinaliza que “os povos colonizados devem lutar por todos os meios ao seu alcance para atingir estes objetivos” (BENOT, 1981, p. 146).

Este passa então a ser o ponto de partida para as reivindicações de autonomia política na Costa do Ouro, congresso que teve como um dos seus organizadores Kwame N’krumah, co-secretário do congresso, e que foi também um dos líderes da luta de libertação da Costa do Ouro.

Outro ponto de vista que desejo destacar neste estudo é o da condição de sujeitos dos africanos em relação ao domínio colonial, apesar da repressão secular a que foi submetida pelo colonialismo, “a importância que a resistência africana teve no passado explodiu no período pós-bélico, culminando nos movimentos de libertação nacional” (VILLEN, 2013, p. 34).

Portanto, uma reconstrução de pensamentos e valores para combater o colonialismo europeu se fez necessária pelos africanos durante o século XX, daí vem a adoção do Pan-africanismo, desenvolvido na América, como arma ideológica para o combate. “Reabilitação e unidade do mundo negro, vem substituída por uma estratégia política direta de união dos países africanos em vias de independência.” (VILLEN, 2013, p.36). O movimento passou a manifestar uma posição declaradamente política, com a intenção de responder em termos radicais a manutenção do colonialismo.

1.3 A marcha para a autonomia

Nesta etapa será descrito o processo que desencadeou a conquista da autonomia pela Costa do Ouro, suas conexões com o movimento dos produtores, fazendeiros africanos que detinham a posse de grande parte das terras destinadas ao cultivo do cacau, contra a ação do governo colonial.

O processo político que desencadeou a luta pela autonomia na Costa do Ouro pode ser caracterizado por três aspectos. O primeiro seria a ação política dos sindicatos e, principalmente, dos partidos políticos que na perspectiva de Elikia M'Bokolo:

Iriam conhecer seu pleno desenvolvimento durante a ‘marcha para a independência’: admitidos progressivamente pelas autoridades coloniais, apoiando-se em movimentos sociais radicalizados, adquirindo formas novas e uma dimensão sem precedentes. (M'BOKOLO, 2011, p. 596)

O segundo aspecto foi a conscientização e mobilização popular por meio de palestras, discursos proferidos pelos líderes nacionais e divulgados pelos jornais. E um terceiro aspecto foi o conjunto de transformações ocorridas na constituição colonial, impulsionadas pelas duas dimensões anteriores, que por sinal desencadeou a autonomia política sem a necessidade de “surtos revolucionários” como define Leila Hernandez (2005), ou seja, as lutas armadas pela libertação.

“O nacionalismo africano quando se afirmou veio reclamar transformações constitucionais que haviam de levar a independência política.” (BENOT, 1981, p. 145), portanto o que vai ocorrer na Costa do Ouro através da influência destas movimentações será “uma série de pequenos saltos de uma para outra constituição.” (BENOT, 1981, p. 146).

Após o V Congresso Pan-Africano, a Costa do Ouro se encontrava com uma larga oposição à administração colonial, que passava a contar com os fazendeiros e os homens de negócios do Sul, responsáveis pelo cacau, que se sentiam “descontentes com a administração britânica e já compartilhavam certa hostilidade.” (HERNANDEZ, 2005, p. 195). Com a evolução da situação de descontentamento, estes grupos sociais receberam

um grande reforço político dos “antigos combatentes de guerra que levaram consigo para os territórios africanos as experiências das independências asiáticas, em especial, conhecidas durante a segunda guerra.” (HERNANDEZ, 2005, p. 195). Estes militares vão fundamentar em certa medida as trincheiras das reivindicações políticas dos povos africanos.

Segundo Hernandez (2005) esse conjunto de importantes grupos da sociedade da Costa do Ouro foi incrementado de forma significativa pela pressão político-partidária, que se organizou de forma lenta, mas sempre fiel ao compromisso de ampliar os direitos individuais e sociais em relação aos precedentes. Estas organizações possibilitaram ao nacionalismo africano expandir-se e atuar com eficácia.

Nestas condições, o United Gold Coast Convention (UGCC), fundado por intelectuais no ano de 1947 se colocava em posição contrária a constituição vigente e “isto dava grande ânimo e agitava os ideais de obtenção de completa independência para a Costa do Ouro. Preliminarmente, o trabalho parecia ser meramente acadêmico, eis que faltavam planos e motivação das massas” (BLAY, 1973, p. 27). Foi esta uma das estratégias que os principais líderes do movimento de emancipação da Costa do Ouro, J. B. Danquah e Francis Kwame Nkrumah utilizaram para as suas vozes ecoarem na tentativa de unir as forças nacionais. Como informa M’Bokolo, “os intelectuais representavam geralmente uma espécie de traço de união estando presente em todas as tendências.” (M’BOKOLO, 2011, p. 605).

Um bom exemplo desta característica unificadora direcionada pelos intelectuais era o partido, do qual Danquah era um dos dirigentes e Nkrumah secretário-geral, UGCC “que acolhia os diversos setores da sociedade, incluindo elementos das classes populares cada vez mais sensíveis às circunstâncias daquele momento” (HERNANDEZ, 2005, p. 196). Este processo, ainda segundo Hernandez, culminou em 1948 na organização de marchas pacíficas para o palácio do governador, ratificando o boicote aos produtos europeus para induzir a redução dos preços destas mercadorias (HERNANDEZ, 2005).

A postura do governo colonial britânico foi de intensa repressão aos manifestantes. “Provocou tumultos populares em Acra e em cidades do litoral, com assalto de lojas europeias e sírias, libertação de presos e incêndios de grandes armazéns. No fim de três dias havia 29 mortos e centenas de presos.” (HERNANDEZ, 2005, p. 196). Mesmo com esta repressão violenta feita pelos representantes da metrópole, as ações pela busca da autonomia política continuavam e com a participação de vários grupos sociais.

Em 1950 a mobilização popular foi organizada pelos sindicatos. M'Bokolo constata que os sindicatos “desempenharam um papel fundamental no amadurecimento das consciências africanas, na passagem da contestação dos efeitos do sistema para a contestação do próprio sistema, e na passagem da contestação para ação.” (M'BOKOLO, 2011, p. 596). Demonstrando, segundo Elikia M'Bokolo, uma forte ligação entre as aspirações de ordem econômica e social e as aspirações políticas, com o objetivo de derrubar a ordem colonial.

Se em um momento inicial N'krumah propôs uma ação não violenta, em 1949, defendeu reformas radicais com amplo apoio dos sindicatos que reforçaram essas medidas, afinal “era indispensável criar condições para uma pressão popular eficaz, desencadeando um processo de desobediência civil.” (HERNANDEZ, 2005, p. 196). Nessas condições os sindicatos lideraram uma greve geral em janeiro de 1950, como parte do processo de luta, demonstrando sua capacidade de mobilização, em torno de um programa de reivindicações.

Esta mobilização levou a uma intensa repressão do governo colonial britânico que prendeu algumas lideranças sindicais e políticas do movimento de independência da Costa do Ouro, como N'krumah e Danquah. Além de fazer uso da força militar local abrindo fogo na direção dos manifestantes, matando quatro oficiais africanos. (HERNANDEZ, 2005).

Após esse episódio de repressão violenta do governo colonial, somado ao crescimento da crise socioeconômica, ocorreram algumas reviravoltas na relação entre o movimento de libertação e o governo imperial.

A primeira foi a ampliação do apoio social em favor dos rebeldes na luta pela emancipação política da Costa do Ouro. Já o governo britânico temeroso de não poder participar, mesmo que de maneira indireta, da transição para a *self-government* passou a “adotar por algum tempo uma política menos repressiva, que incluiu a elaboração de um calendário de eleições parciais a serem realizadas em Acra” (HERNANDEZ, 2005, p. 197).

A outra modificação ocorreu dentro dos diferentes grupos sociais que se uniram para a formação da frente nacionalista do movimento de oposição ao governo colonial na Costa do Ouro. Existia efetivamente uma divisão entre os que “defendiam a autonomia o mais breve possível” e aqueles que propunham “autonomia imediata” como considera

Hernandez (2005). M'bokolo informa que, neste cenário, N'krumah decidiu se afastar do UGCC, pois considerava ser este um partido de opinião moderada como afirmava em depoimento: “Era quase inútil associar-me a um movimento quase inteiramente apoiado por uma classe média reacionária, de advogados e de comerciantes, porque as minhas ideias e o meu passado revolucionário me impediam de trabalhar com eles.” (M'BOKOLO, 2011, p. 617).

Com esse pensamento Kwame N'krumah e o seu partido, o Convention People's Party, assumiu como palavra de ordem a independência imediata. “Trata-se, declara N'krumah, de uma linha que estará de acordo com as aspirações dos chefes e do povo da Costa do Ouro.” (BENOT, 1981, p. 156). Conforme M'Bokolo este partido era composto por “um grupo mais jovem, mais determinado e mais progressista, desejoso de ver os progressos políticos avançarem e de que a independência não fosse realizada em proveito das classes privilegiadas.” (M'BOKOLO, 2011, p. 617).

No ano de 1950, conforme M'bokolo houve uma modificação na constituição colonial da Costa do Ouro reduzindo a idade que dava direito ao voto de 25 para 21 anos, ampliando assim as bases de apoio do CPP que tinha na sua maioria, jovens oriundos de classes populares. É importante destacar que este partido não tinha uma ideologia definida, estava determinado a chegar o mais rápido possível à autonomia e “estava pronto a utilizar todos os meios para atingir os seus fins.” (M'BOKOLO, 2011, p. 617).

Um dos principais questionamentos do CPP era essa tal autonomia limitada que caracteriza a exclusão dos africanos dos gabinetes das finanças, da administração, da justiça, do exército e da polícia, das eleições por sufrágio universal e a formação de gabinetes integrados. As contestações a essas organizações constitucionais levaram o CPP a vitória nas eleições gerais de fevereiro de 1951, com expressivo número de

votos, e, sobretudo estas eleições vieram legitimar o CPP como o partido majoritário na Costa do Ouro. (M'BOKOLO, 2011).

A imagem de N'krumah, vinculada a este partido, também foi determinante para o resultado desta eleição e para o processo de independência devido ao carisma que existia na sua pessoa, “o que lhe permitia subjugar uma massa de simpatizantes”. (BOAHEN e SURET-CANALE, 2010, p. 200). Vale destacar que ele estava preso no momento das

eleições e saiu da cadeia para, como diz Oliver, “assumir o cargo de líder dos assuntos governamentais e, mais tarde, de primeiro-ministro. Estava preparado para um aprendizado de seis anos sob um governador britânico, antes de obter oficialmente a independência...” (OLIVER, 1994, p.251)

Segundo Hernandez (2005), pouco tempo depois se abrandou o enfrentamento das forças sociais, começando a surgir características próprias de uma política de tendência colaboracionistas, formando a campanha do Action Positive, que se trata de uma “cooperação estratégica”. Durante este período “o CPP soube jogar com toda uma gama de meios de pressão para levar a população a reagir para não a deixar resignar-se a sua sorte de colonizada.” (M’BOKOLO, 2011, p. 617).

“De 1951 a 1957, a marcha para a independência vai prosseguir, através de negociações, de sucessivos retoques, melhoramentos e concessões mútuas.” (BENOT, 1981, p. 157). Uma das estratégias foi de não distinguir as diferenças e as desigualdades dos vários grupos reconhecendo o regionalismo, existente no território da Costa do Ouro, “formado por diversas ‘nações’ com diferentes características culturais, além de necessidades e interesses econômicos, políticos e sociais próprios.” (HERNANDEZ, 2005, p. 198).

Entre 1950-1951 o governo estabelecido na eleição na Costa do Ouro aumentou os direitos de exportação e começou a tomar uma parcela muito maior da receita de cacau por meio de impostos aumentando o preço médio de venda por tonelada de cacau. Para estender a sua influência pelo setor rural, em 1953, N’krumah também criou a União do Conselho dos Agricultores da Costa do Ouro (UGFCC), que “ficou concentrado principalmente nas regiões de cultivo do cacau apesar de sua intenção em cobrir o interesse dos agricultores em todo o país” (KOLAVALLI e VIGNERI, 2011, p. 203). O UGFCC tornou-se o comprador exclusivo do cacau o que gerou uma plataforma organizada dos agricultores por trás do governo e sua administração.

A administração de Nkrumah, além de ações de natureza econômica que pudessem desencadear a autonomia deste setor na região, agiu também de maneira que fossem consolidados os pensamentos em favor da integração africana para o alcance da autonomia da Costa do Ouro e do continente.

Sem deixar o compromisso estabelecido no V Congresso Pan-africano de 1945 em Manchester, e pela própria condição da Costa do Ouro, no ano de 1953 foi realizado em Kumasi um evento em prol da unidade africana “horizonte proclamado da maioria das

formações e dos dirigentes políticos, como testemunha, nomeadamente, a referência à África, e não a territórios particulares...” (M'BOKOLO, 2011, p.631).

A independência foi alcançada no dia 6 de março de 1957 numa cerimônia realizada em Acra com representantes de lideranças políticas de países como a URSS e os EUA além de representações do governo britânico.

Acontecimento noticiado pelos jornais analisados nesta pesquisa. O A Tarde se estendeu mais nas reportagens sobre este evento em comparação com o Diário de Notícias. De maneira geral foi exposto pelos periódicos a condição autônoma da antiga Costa do Ouro, sinalizaram também a presença dos representantes dos EUA e da URSS e a fala do primeiro-ministro que desejava não só emancipação da Costa do Ouro, mas de todo o continente africano.

Segundo Hernandez (2005) com a independência, uma das manifestações mais significativas dos líderes políticos foi a que apontava para a variedade de culturas pré-coloniais. Logo de início, ocorreu a mudança do nome do país de Costa do Ouro para Gana. N'krumah ao fazer esta mudança exaltou as tradições locais não só da região da antiga Costa do Ouro, mas de toda a História antiga da África.

Eu recorri ao nome de Gana porque está profundamente enraizado na história antiga da África ocidental, porque fala à imaginação da juventude. É preciso celebrar a grandeza e os altos feitos de uma civilização que os nossos antepassados fizeram expandir muitos séculos antes da penetração europeia e do seu domínio ulterior sobre a África. (CORNEVIN, *apud*, HERNANDEZ, 2005, p. 198).

Assim nota-se que o processo de emancipação na Costa do Ouro ocorreu diante de um alargamento, forçado, da liberdade pública e em torno dos ideais que incentivavam o nacionalismo local e em África. Este processo chegou a influenciar outras regiões que se encontravam sob o jugo do colonialismo, como chegou a declarar o primeiro ministro N'krumah no seu discurso da festa pela independência.

Um trecho deste discurso foi noticiado pelo jornal A Tarde em reportagem localizada na primeira página. Esta matéria foi o que desencadeou o interesse por pesquisar sobre as representações acerca da Costa do Ouro na cobertura dos jornais A Tarde e no Diário de Notícias, os quais serão analisados no próximo capítulo.

2º CAPÍTULO: DOIS JORNAIS DA BAHIA

2.1 - A imprensa baiana e a legitimação do poder

A influência da imprensa na sociedade é extremamente relevante já que a mesma pode interferir nas decisões políticas, econômicas, sociais e culturais de uma nação. Segundo Abramo, “ela é imprescindível como fonte legitimadora das medidas políticas anunciadas pelos governantes e das “estratégias de mercado” adotadas pelas grandes

corporações e pelo capital financeiro.” (ABRAMO, 1988, p. 08). Diante deste pensamento é indiscutível que as grandes organizações midiáticas constituem hoje – com toda a complexidade, os seus paradoxos e suas contradições – uma coluna de sustentação de poder.

A imprensa na Bahia⁷ estava quase sempre vinculada às tendências dos grupos políticos aqui existentes, que utilizavam estes meios de comunicação para alcançar objetivos particulares. Seus representantes utilizavam os periódicos como ferramentas para concretizarem seus interesses políticos.

Entre os vários órgãos da imprensa escrita baiana no período estudado destaco aqui o Diário da Bahia, o Estado da Bahia, O Imparcial, além dos dois periódicos que tratamos nesta pesquisa, o jornal A Tarde e o Diário de Notícias. Os veículos da imprensa baiana aqui analisada, tanto o jornal A Tarde como o Diário de Notícias têm uma característica peculiar, a variedade na formação de seus redatores. É importante sinalizar que a primeira turma formada em jornalismo na Bahia é do ano de 1952, portanto as reportagens eram produzidas por profissionais de diversos ramos, como a medicina, filosofia, campo da arte, do direito, entre outros. Esse era o perfil dos integrantes das redações dos periódicos aqui analisados, profissionais “que formavam uma elite cultural.” (TAVARES, 2008, p. 38).

Segundo depoimento dado por Aloísio Carvalho Filho a Luiz G. P. Tavares, “Quem quer que percorra a história do jornalismo baiano encontrará, invariável e viva, a nota política. Uma imprensa como a nossa, permanentemente vigilante, corajosamente opinante!”. (TAVARES, 2008, p. 95).

Utilizo neste trabalho dois jornais da cidade de Salvador, o Jornal A Tarde e o Diário de Notícias, para entender como estes cobriram a região da Costa do Ouro entre os anos de 1951 e 1957, para observar a ideia de África produzida por estes periódicos. Estes jornais foram caracterizados como “Grande Imprensa”, quer dizer, idealizada enquanto firma jornalística, industrial que comercializava a informação e a notícia, além de veicular a ideologia da classe dominante. Com isso, “estes jornais tinham objetivos não

⁷ Para saber mais sobre a História da imprensa na Bahia ver: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Coord.). **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. Salvador: Academia Brasileira de Letras, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005, 157p e TAVARES, Luís Guilherme Pontes. **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. 2. Ed, Rev. e Ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008, 211p.

só econômicos, mas sobretudo políticos, queriam vender, mas sobretudo formar opinião na direção de certos interesses”. (REIS, 2000, p.19).

Os jornais Diário de Notícias e A Tarde são dois periódicos fundados e dirigidos, ao longo de sua história, por pessoas influentes da política na Bahia. Trata-se de periódicos que expressam os interesses de grupos sociais ligados à produção cacaueteira e o Diário de Notícias se destacou como principal veículo para o pronunciamento destes grupos.

2.2 – Notícias do Diário

O jornal Diário de Notícias da Bahia foi fundado em 1º de março de 1875, um empreendimento do jornalista Manoel Lopes Cardoso, com a publicação regular tendo início no dia 15 do mesmo mês e ano, tomando por modelo, até no nome, o Diário de Notícias de Lisboa.

Trata-se de um jornal de grande relevância para a sociedade baiana desde a sua fundação como pode ser notado nas palavras de Aloysio de Carvalho no depoimento supracitado, para quem o fundador do Diário, “foi o verdadeiro criador da imprensa barata, da imprensa popular no Brasil” (TAVARES, 2008, p. 51), devido ao seu baixo custo comparado a realidade do período de sua fundação.

Registrado na Junta Comercial do Estado, este jornal que, do ponto de vista de Consuelo Novaes Sampaio no Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro teria uma postura germanófila⁸ durante a I Guerra, no período da Segunda Grande Guerra, deu início a uma campanha ostensiva a favor da Alemanha Nazista, expondo assim um dos seus posicionamentos políticos ao longo de sua trajetória.

Empresas alemãs detinham o controle de alguns setores da economia local, o que despertava o interesse no país europeu, “exercendo considerável influência na Associação Comercial da Bahia, entidade da qual o jornal era considerado porta voz desde o início do século XX”, de acordo com Peixoto, explicando assim a tendência política do periódico durante o conflito mundial. (PEIXOTO JUNIOR, 2003)

⁸ “Que ou aquele que é amigo ou admirador da Alemanha ou dos alemães.” (FERREIRA, 1988, p.322)

O mesmo autor demonstra esse posicionamento do periódico ao constatar que empresas como a “Westphanlen Bach, Krohn e Cia”, do setor de máquinas e ferragens, a Suerdieck e a Danemann, ligadas ao setor fumageiro agroexportador, a Viação Aérea Condor, pertencente à companhia de aviação germânica Deutsche Lufthansa”, não por coincidência, eram fortes anunciantes do jornal, o que comprova a relação do periódico com algumas empresas de comércio da Bahia durante o século XX, e conseqüentemente o seu posicionamento germanófilo, como declara Peixoto. (PEIXOTO JUNIOR, 2003). Isso demonstra uma grande dependência da elite comercial baiana em relação a firmas e capitais alemães.

Estas informações servem como rastros das conexões do jornal com setores da economia, interesses específicos instalados na Bahia. Os dados contidos no capítulo em que são analisadas as reportagens deixa evidente o posicionamento do Diário de Notícias sobre a economia baiana e a produção cacaueteira. São quase 60% das reportagens analisadas que abordam a temática econômica, o que demonstra um dos interesses que o jornal Diário de Notícias expressava.

Trata-se de um jornal que defendia com bastante entusiasmo o fato de estar vinculado a um partido político ou até mesmo grupo econômico, nas palavras de Meire Lúcia dos Reis, que cita um trecho do Diário para relatar a diferença entre “imprensa neutra” e “imprensa independente”:

Neutra ‘é uma imprensa sem iniciativa, sem atividade, sem direito de fiscalização, indiferente, nula’ e a ‘imprensa independente [...] é autonômica, capaz de exercer com amplitude as três funções capitais de instruir, fiscalizar e orientar ciente e consciente dos seus direitos e deveres’. (Diário de notícias 17/03/1903, *apud* REIS, 2000, p. 24).

A autora explica: “Para o jornal, estar diretamente ligado a um partido político, ou a um chefe político, não significava perder a independência, que seria relativa, pois pressupunha a dependência de opiniões formadas por um grupo político” (REIS, 2000, p. 24), demonstra com isso que este periódico estava em harmonia com grupos políticos desde o início do século XX e que isso, conseqüentemente, poderia sim interferir nas escolhas de temas a serem abordados.

No período estudado nesta pesquisa o jornal é membro do Condomínio de Diário de Assis Chateaubriand, vínculo formado desde 1943. Com filiais em São Paulo e no Rio

de Janeiro, o jornal passou a ter a direção de Odorico Tavares, que inaugurou uma nova fase no matutino, caracterizada pelo estímulo as artes e as letras, o que veio a provocar uma revolução cultural no estado (SAMPAIO, 2001). Porém, na orientação política continuou fiel a sua tradição conservadora servindo de suporte a elite no poder.

Este veículo de comunicação gerenciado por Aderbal Ribeiro Costa, circulava na cidade de Salvador de terça a domingo, organizado por seções fixas de esporte, coluna social, publicidade e anúncios, variando entre 8 e 12 páginas, estrutura que sofreu uma transformação no ano de 1956 quando houve um acréscimo no número de páginas, principalmente nas edições de domingo com seções especiais.

Seu valor avulso era de 0,80 centavos, até ocorrer a mudança na diagramação e no gerenciamento do periódico passando a custar Cr\$ 2,00 e ter na administração financeira José Augusto Ribeiro.

2.3 – O A Tarde em pauta

O A Tarde, pertencente a Ernesto Simões Filho, desde os primórdios em 15 de outubro de 1912 tem tendência política clara, se afirmando como o jornal de combate aos governos estabelecidos.

Um marco do “jornalismo moderno” na Bahia, como afirma Ana Spannenberg, é o fato de neste período já deter um reconhecimento a nível regional e nacional. (SPANNENBERG, 2006). Outro autor que ratifica esta informação foi Ribeiro ao constatar que “nos anos 50, A TARDE já estava consolidado como um dos principais jornais do país, vivendo um período tranquilo marcado pela tão desejada liberdade de expressão” (RIBEIRO, BOAVENTURA, 2012, p. 185).

Trouxe inovações que iam desde a organização gráfica (com a introdução do uso de manchetes na primeira página, fotos ampliadas em mais de uma coluna e títulos em destaque), até a estrutura redacional (predominantemente informativa) e às opções temáticas. E como frisa Spannenberg:

O que distingue A Tarde dos concorrentes baianos do início do século XX são as manchetes na primeira página, as fotos ampliadas em mais de uma coluna, a predominância da informação sobre a opinião (entrevista em discurso

direto e busca de mais de uma fonte), e a diferenciação temática. (SPANNENBERG, 2006, p. 8).

Mesmo com essas características inovadoras trata-se de um jornal que também desempenhou o esquema tradicional de vinculação política, afinal Ernesto Simões Filho seu fundador, atuava em cargos públicos do Estado e segundo Ana Spannenberg “Pedro Calmon seu biógrafo afirma que o jornal pretendia ser um porta-voz altissonante de J.J. Seabra.” (SPANNENBERG, 2006, p. 09).

Segundo Consuelo Novais Sampaio, o jornal tinha uma característica que o levou a uma popularidade local inquestionável, o fato do ser combativo e sempre se posicionar em relação à política local. (SAMPAIO, 2001)

No período da Segunda Grande Guerra desempenhou uma oposição volumosa aos países do Eixo, o que o torna um jornal de tendência contrária ao Diário de Notícias. Simões Filho possuía uma admiração pela França país que o acolhera no Exílio.

Uma significativa quantidade das reportagens deste jornal apresentava a colonização inglesa na Costa do Ouro como positiva. Cerca de ¼ das reportagens do jornal abordam o tema da colonização e desta apenas 1 (uma) condena a prática inglesa na África Ocidental. Este jornal colaborou durante esses anos para a manutenção da imagem benéfica dos longos anos de colonização britânica na Costa do Ouro.

Em 1949 o jornalista Jorge Calmon passou a assumir a função de redator chefe e junto com o então diretor Ranulfo Oliveira, submeteram o jornal a significativas mudanças na linha editorial e na organização das seções.

O periódico circulava de segunda a sábado com 12 páginas divididas em seções de esporte, populares, publicidade, registro social. Aos sábados tinha um arranjo particular.

O Jornal que tinha uma sucursal na Capital Federal, na época o Rio de Janeiro, em suas próprias páginas afirmava como *slogan* publicitário, ser um “jornal independente, político e noticioso”, tinha também uma estratégia para atender a uma diversidade populacional com a venda avulsa e com assinaturas semestrais e anuais.

O jornal A Tarde também sofreu modificações no que se refere a sua estrutura. No ano de 1956 passou a ter novos valores, nova organização e seções, no entanto o *slogan* publicitário permaneceu o mesmo “independente, político e noticioso”. As seções

de esporte, populares, social, os anúncios publicitários foram mantidos, contudo houve o acréscimo de seções especiais aos sábados para atender um público diverso, como seção infantil e imobiliária.

Com essas modificações os valores, da mesma forma, sofreram alterações, as assinaturas por ano ficaram no valor de Cr\$400,00, no semestre de Cr\$220,00, por três meses o valor era de Cr\$130,00 e o número avulso ficava por Cr\$ 2,00.

Portanto neste período o valor para venda avulsa era o mesmo para os dois jornais. O A Tarde ainda apresentava alternativas de preço, se distinguindo do Diário de Notícias, porém é importante salientar que nesta década de 1950 o valor de cada exemplar era o mesmo, tanto antes quanto depois das transformações de 1956.

Esta organização orçamentária, da diagramação, páginas, enfim, da estrutura dos jornais pode sim reforçar o pensamento de que estamos tratando de dois jornais que “duelavam” pelos leitores.

3º CAPÍTULO: A COSTA DO OURO NOS JORNAIS DIÁRIO DE NOTÍCIAS E A TARDE

3.1 – O que foi relevante para os Jornais e virou notícia?

Neste capítulo serão analisadas as reportagens nas quais a Costa do Ouro esteve presente nos jornais que serviram de fonte para esta pesquisa, o Jornal A Tarde e o Diário de Notícias. Porém, antes de discorrer sobre o que foi veiculado de maneira detalhada faremos uma caracterização geral destas publicações com o intuito de situar o que ambos publicaram em suas páginas sobre a região em destaque neste estudo.

A pesquisa realizada no jornal A Tarde localizou trinta e três (33) reportagens, em 33 edições, entre os anos de 1951 a 1957, que fazem referências à Costa do Ouro.

O Jornal A Tarde publicou, no ano de 1951, um total de oito (8) reportagens, quatro sobre economia e quatro sobre política, que por sinal são dois dos conteúdos mais veiculados pelo jornal. Estas reportagens estão distribuídas ao longo de 5 meses do referido ano, sendo que no mês de janeiro se encontra 50% das notícias. Já no ano de 1952 nenhuma reportagem sobre a Costa do Ouro foi publicada.

No ano de 1953, voltaram as referências em relação à Costa do Ouro, com duas (2) reportagens. A primeira sobre economia e a segunda sobre as ações do governo colonial da Costa do Ouro em favor da independência. Estas reportagens se concentram no mês de janeiro, com isso ao longo do ano não houve mais informações neste periódico.

Em 1954 foram encontradas três (3) reportagens distribuídas nos meses de fevereiro e março. Todas as reportagens abordaram o cacau como tema, o principal motivo, por sinal, dos conteúdos econômicos veiculados pelo jornal. Em 1955 o jornal veiculou uma reportagem, no mês de abril, tendo o fator econômico como foco ao abordar a produção e a comercialização do cacau na região.

No ano de 1956 foram registradas três (3) reportagens. As duas primeiras, veiculadas no mês de maio, informavam a presença de uma delegação da Costa do Ouro na Reunião Internacional de Cacau, que ocorreu na Bahia. A terceira reportagem, referindo-se ao aumento da procura pelo cacau africano, foi veiculada no mês de julho.

Em 1957, ano da emancipação da Costa do Ouro, foram registradas dezesseis (16) reportagens veiculadas pelo jornal A Tarde. Este se destaca pela quantidade das publicações comparada aos anos anteriores. Foram veiculadas, neste ano, um total de sete (7) reportagens sobre economia, e nove (9) que se referem à política da Costa do Ouro. Reportagens que foram distribuídas ao longo de nove meses do referido ano.

Com esta caracterização podemos organizar o que foi veiculado, sobre a Costa do Ouro, pelo jornal A Tarde, no período que vai de 1951 a 1957, com dezenove (19) reportagens sobre economia e quatorze (14) sobre política. A tabela abaixo ilustra estas informações.

Tabela 1 - Quantidade de reportagens e temas do jornal A Tarde.

Ano	Quantidade de notícias	Temas abordados	Q.N ⁹ .
1951	8 (oito)	Economia	4
		Política	4
1952	0 (zero)	-----	---
1953	2 (dois)	Economia	1
		Política	1
1954	3 (três)	Economia	3
1955	1 (um)	Economia	1
1956	3 (três)	Economia	3
1957	16 (dezesesseis)	Economia	7
		Política	9

Já no Diário de Notícias localizei, durante o período de 1951 a 1957, um total de dezesseis (16) edições que fazem referência à Costa do Ouro, sendo que existe um total de dezessete (17) reportagens sobre o tema. Este jornal publicou uma quantidade menor de notícias sobre a Costa do Ouro. Uma particularidade da sua cobertura é a presença de um colunista, Oscar Cordeiro, que escreve e assina cerca de 65% das notícias.

O Diário, no ano de 1951, veiculou duas (2) reportagens, nos meses de setembro e novembro, ambas sobre economia tendo como foco a safra cacauzeira da região. No ano de 1952 foi registrada uma (1) reportagem no mês de setembro também tendo como tema a economia em torno do cacau. Em 1953 mais duas (2) reportagens foram coletadas com o mesmo conteúdo econômico, nos meses de março e setembro. No ano de 1954 foi localizada uma (1) reportagem no mês de outubro, mais uma vez se referindo a produção cacauzeira. No ano de 1955 foram encontradas três reportagens nos meses de abril, outubro e dezembro, todas tratando da economia.

Já no ano de 1956 foram registradas quatro reportagens nos meses de março e maio. Destas, uma trata de política e as demais abordam a presença dos representantes da Costa do Ouro na Bahia, para participar da reunião internacional do cacau, reportagens que foram inseridas na seção econômica, pois a presença destes africanos estava vinculada ao cacau. Em duas destas reportagens, encontradas numa mesma edição, existe uma descrição da delegação e a terceira faz uma homenagem aos visitantes.

O ano de 1957, ponto de término desta pesquisa, a coleta das publicações localizou quatro reportagens. Uma sobre economia e três sobre política. Este material está distribuído nos meses de março e abril.

⁹ Q.N. significa Quantidade de Notícias.

Com estas observações podemos organizar as reportagens do Diário de Notícias sobre a Costa do Ouro no decorrer de 1951 a 1957 com treze reportagens sobre economia e quatro sobre a política. Na tabela abaixo segue ilustrado esta organização.

Tabela 2- Quantidade de reportagens e temas do Diário de Notícias.

Ano	Quantidade de notícias	Temas abordados	Q.N.
1951	2 (duas)	Economia	2
1952	1 (uma)	Economia	1
1953	2 (duas)	Economia	2
1954	1 (uma)	Economia	1
1955	3 (três)	Economia	3
1956	4 (quatro)	Política	1
		Economia	3
1957	4 (quatro)	Economia	1
		Política	3

Essa caracterização geral das reportagens coletadas nos jornais permite uma observação sobre o que esses veículos consideraram relevante, importante o bastante para ser noticiado em suas páginas. A produção cacauera, a emancipação política e a relação disto com a Bahia eram as preocupações centrais da cobertura. A seguir será realizado o agrupamento das matérias por conteúdo e análise das reportagens. O objetivo neste momento é descrever, apresentar e analisar todas as reportagens.

3.2 – A Costa do Ouro em pauta no A Tarde

As reportagens do A Tarde que abordam a temática econômica serão as primeiras a serem analisadas. O jornal tem no total dezessete (17) reportagens com teor econômico, veiculadas durante todo o período do recorte cronológico da pesquisa.

A primeira foi veiculada no dia 10 de janeiro do ano de 1951 com o seguinte título, “*A Molestia do cacau na Nigéria e na Costa do Ouro: I*” localizada na terceira página da edição. Escrita por Rui Miller Paiva¹⁰, então técnico da secretária de agricultura do Estado

¹⁰ “Ruy Miller Paiva formou-se Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. No ano de 1946, foi nomeado Chefe da Subdivisão de Economia Rural e primeiro Diretor da Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura de São Paulo, onde permaneceu até 1962. Entre outras atividades, durante 10 anos (1950 a 60), participou do Grupo de Planejamento do Estado de São Paulo, quando, em companhia de outros técnicos paulistas, visitou a África a fim de estudar as

de São Paulo, discute uma “*terrível*” moléstia, e os possíveis meios para combatê-la. Segue apresentando o cacau como responsável por 60% do valor total do comércio exterior da Costa do Ouro, e que absorve 80% dos trabalhadores da colônia e ainda informa as condições favoráveis para o cultivo da especiaria na região, como o clima e o solo que favorecem o desenvolvimento da cultura do cacau.

O autor sinalizou que a presença desta moléstia causa um grande alvoroço na região em que o produto é uma das bases de sustentação econômica de muitas famílias, além do próprio Estado colonial. Nos estudos para identificar as causas da enfermidade nas lavouras foi diagnosticado a presença de um inseto transmissor do vírus gerador da moléstia.

A reportagem seguinte é a conclusão da anterior, escrita pelo mesmo Rui Miller Paiva, e com o mesmo título, “*A Molestia do cacau na Nigéria e na Costa do Ouro: II*”, localizada na terceira página da edição do dia 11 de janeiro de 1951.

O artigo sinalizou a atitude que deve ser tomada para superar a moléstia, o simples corte das árvores infectadas, resolveria o problema do ponto de vista técnico. No entanto, no ponto de vista político o problema se tornou mais complicado, pois os agricultores “*indígenas*” não podiam compreender que deveriam cortar uma árvore cheia de frutos da magnitude do cacau. Para contornar esta situação o governo colocou em prática um plano para beneficiar o agricultor com quantia proporcional as “*replantas executadas*”.

Mesmo assim o autor ratificou que não houve sensível prejuízo nas safras de cacau na Costa do Ouro e isso é justificado pela abertura de novas lavouras na região Ashanti e também pela colheita cuidadosa que os nativos passaram a realizar após o aumento do valor do produto no mercado. Porém, assim considera Rui Paiva, vencer esta batalha não é fácil, pois o governo da Costa do Ouro já cortou cerca de “8 milhões de árvores e provavelmente necessite cortar cerca de 50 milhões”, mas é necessário que os nativos “*tenham boa vontade*” de colaborar, e que o governo continue com o esquema de pagamento pelo replantio das lavouras.

A terceira reportagem do jornal, com cunho econômico, foi localizada na segunda página da edição do dia 17 de janeiro de 1951. Trata-se de um texto escrito por Tosta

possibilidades da agricultura desse continente. Dessa visita a África resultou “Agricultura na África”, relatório publicado posteriormente pela Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura.” (PAIVA, 1986, p.811)

Filho¹¹ então presidente da Comissão de Comércio de Cacau da Bahia, intitulado “*O cacau bahiano contem menos 2% de manteiga que o africano: “Será feita nossa defesa na bolsa de Londres”, diz o presidente da C.C.C. B*”. Trata-se de uma matéria que não tinha a Costa do Ouro como destaque, porém a região encontra-se presente no texto, seguindo a mesma condição da reportagem anterior trataremos apenas sobre o que foi dito em relação ao território.

A reportagem se referiu a Costa do Ouro ao comparar a qualidade do cacau produzido na região em relação ao cacau baiano. Segundo colocações feitas por representantes ingleses, e segundo o autor da reportagem, a comparação certifica que houve uma piora do cacau da Bahia.

A quarta reportagem veio na edição do dia 24 de setembro do ano de 1951. Localizada na segunda página com o título “*O Cacau desamparado aqui: fortemente protegido na Costa do Ouro*”.

O tema debatido nesta reportagem é a grandeza do cacau para a economia da Bahia e a importância de entender como os ingleses “*melhoram a produção*” deste produto em seus domínios como no caso da Costa do Ouro. Informa a medida tomada pela Comissão de Comércio de cacau da Bahia em expor, nas colunas de seus boletins, as práticas utilizadas na Costa do Ouro para intensificar ainda mais a produção da mercadoria.

Notifica também a existência do plano de desenvolvimento social e econômico elaborado pelo recém-eleito parlamento da Costa do Ouro, visando um melhoramento em serviços, como transporte, assistência social, produção e educação. Um investimento para construção de uma usina hidrelétrica, que visa um resultado em cerca de dez a quinze anos.

No ano de 1953, na edição do dia 17 de janeiro, foi veiculada uma reportagem, localizada na página 4 que aborda certa “*Cegueira fluvial*” na Costa do Ouro.

Incluída numa seção do jornal denominada “Pelo Mundo Afora”, a reportagem informou sobre uma expedição científica, realizada por profissionais britânicos da medicina e biologia, no sentido de combater a cegueira fluvial na África Ocidental. A equipe levava um equipamento que a capacitava para a realização de operações, em salas portáteis, na selva. O texto informou, do mesmo modo, sobre a existência de uma “*mosca*”

¹¹ Fundador e primeiro presidente do Instituto de Cacau da Bahia no ano de 1931.

que causa a cegueira fluvial, e que não se sabe como a mesma sobrevive nas estações de seca. Prossegue salientando que o conhecimento e a eliminação desta mosca são problemas essenciais na realização do “*grande projeto hidrelétrico de Volta e nos Vales desta Zona*”. A Costa do Ouro aparece neste registro como o local de coleta das amostras destes estudos realizados pelos pesquisadores britânicos.

A reportagem seguinte data de 2 de fevereiro de 1954. Está localizada na página 3 (três) da edição. Com o título, “*A Alta do Cacau: Alguns problemas do mercado Africano*”, o texto segue informando que a elevação nos preços do cacau deu uma parada. Considerou também que não há dúvida do futuro aumento da produção de cacau devido à inserção de outros países consumidores no mercado. Consta no texto da reportagem a preocupação com a queda dos preços junto com uma grande necessidade de estimular a produção de cacau, porém esta decisão dependerá do poder aquisitivo da população da África Ocidental e com ele das perspectivas das exportações britânicas para a região.

A reportagem do dia 20 de março de 1954, na página 2, do jornal A Tarde referiu-se a uma nota do Boletim Britânico sobre a produção de cacau, cujo título é, “*Mercado de Cacau: perspectiva da safra de cacau*”. Segundo o boletim britânico são boas as perspectivas futuras da safra de cacau para a Bahia e o Brasil, pois, as safras dos seus concorrentes, incluindo a Costa do Ouro sofreram forte queda.

“*Á praga dos cacauais africanos não foi dominada: Perspectiva de menor produção frente ao consumo recomendasse o aumento das produções brasileiras.*” O título bastante sugestivo da reportagem do dia 23 de março de 1954, apresentou uma das grandes problemáticas das lavouras cacauzeiras da Costa do Ouro, a instabilidade nos preços de mercado devido às pragas propagadas na região.

Trata-se de uma reportagem extraída de um boletim norte-americano que fez referência ao mercado internacional e a produção de cacau no Brasil para os EUA, uma mensagem dirigida diretamente aos produtores baianos. A Costa do Ouro foi citada para exemplificar a queda da safra de cacau e reafirmar o bom momento brasileiro. Na reportagem constam duas fotos, de uma publicação inglesa, sobre o processo de produção de cacau na Costa do Ouro e o trabalho dos lavradores na fermentação do cacau.

No dia 11 de abril de 1955, no jornal A Tarde, foi veiculada uma notícia específica sobre as condições da produção cacauzeira na Costa do Ouro. A reportagem considera que o cacau, um produto vital da Costa do Ouro, pátria de 5 milhões de africanos, tem suas

plantações localizadas na selva e crescem sem ajuda de ninguém, o “*único trabalho é colher os frutos e retirar as sementes*”. A mesma segue informando que são plantações de pequenas proporções, os trabalhadores e fazendeiros vivem isolados, longe de tudo que possa ser conforto, como estradas, eletricidade e água, tendo que caminhar bastante para chegar à rodovia. A iluminação é o lampião ou a vela.

A reportagem expôs a prática da venda das safras de cacau que era realizada por firmas comerciais e por uma organização governamental denominada “*Cocoa Purchasing Company*”. Para serem exportadas, as safras do cacau são transportadas por caminhões ou trem até os navios. A reportagem sinalizou também, que o lucro previsto com a venda internacional do produto é direcionado a uma reserva para possíveis baixas na cotação internacional, e o que sobrava era direcionado ao governo a título de imposto.

Segundo a reportagem existia um movimento no sentido de aumentar o preço do cacau pago aos fazendeiros, este mesmo movimento se desenvolveu em oposição forte “*ao governo do primeiro-ministro Dr. Kwame N’krumah.*” Outro problema que sofria a produção de cacau na Costa do Ouro eram os saques a algumas safras que eram transportadas manualmente e atacadas por facções armadas. As plantações de cacau sofriam ainda com as pragas. Essa reportagem foi assinada por Ronald Batchelor correspondente da “*APLA REUT TER*¹²” e tinha como título: “*O Cacau africano: Condições de sua produção na Costa do Ouro*”.

Em 23 de maio de 1956 foi publicada em A Tarde, na página 12, a reportagem de título “*Os negros da Costa do Ouro querem ver Candomblé...: Mas produzem muito mais cacau que nós.*”. A reportagem informa a presença dos africanos da Costa do Ouro na Bahia para a Reunião Internacional do cacau. Foi noticiado que os africanos querem conhecer a cidade onde viveram, trabalharam, sofreram e sonharam tantos dos seus antepassados e querem ver um candomblé. A matéria confirma a presença do chefe de uma “tribo”, e ainda descreve a “bizarra indumentária” dos membros da delegação da Costa do Ouro. A reportagem considerou que a presença destes numa cidade quadricentenária e com aspectos de modernidade restitui uma atmosfera do passado com os escravos, e ainda destacou que os membros da delegação não se espantaram ante a cidade onde estavam e as inteirações de adultos e crianças que os paravam para os verem

¹² Apesar da nomenclatura diferenciada trata-se da agência de notícias Reuters “A Reuters, instituição nacional da Inglaterra, foi fundada em 1851, pelo judeu de origem alemã, Paul Julius Reuter (nascido Israel Beer Josaphat), antigo colaborador de Charles Havas, em Paris. [...], Reuter se torna porta-voz do império britânico, do qual recebe subsídios para promover propaganda.” Ver (AMARAL, 2008, p. 125).

de perto. Na notícia consta uma imagem da delegação da Costa do Ouro com a seguinte legenda, “*um aspecto da reunião de hoje pela manhã, vendo-se na primeira a representação da Costa do Ouro*”.

O termo utilizado para caracterizar a indumentária dos representantes africanos é totalmente pejorativo, desrespeita as práticas culturais destes e de sua nação, afinal o fato destes estarem vestidos com as roupas originárias do seu território é uma maneira de apresentar a sua identidade. O outro termo utilizado pelo jornal que é revelador de uma concepção de África é o termo “tribo” para se referir a um chefe, uma autoridade, um dos representantes da Costa do Ouro no Congresso.

Já em 28 de maio de 1956 na página 3, foi localizada a reportagem, “*Os nossos irmãos africanos*”, que considera a representação da Costa do Ouro como a que “*mais chamou atenção*” na reunião do comitê internacional do cacau. Foram motivos de curiosidade menos pelas roupas e “exotismo”, mas pelo conhecimento e civilidade. Competem conosco e são aparentemente cultos e polidos, foi a representação mais importante dos presentes, os maiores produtores de cacau do mundo, constatou a reportagem, que destacou a região como fornecedora de matéria-prima que beneficia a Inglaterra como a teobroma, ouro, diamante, manganês e outras riquezas.

Segundo Cruz Rios, “*Os pretos da África que colaboraram com o braço escravo para a formação de riqueza neste e em tantos outros continentes*”, mostraram que assimilaram os benefícios da colonização feita pela velha Europa. Ao finalizar o seu texto, considerou que *aqui não existe discriminação racial*.

Nesse sentido Cruz Rios associa a civilidade, conhecimento polidez que apresentaram os membros da delegação de Gana ao processo de colonização inglês, ou seja, as características positivas e louvadas que eles possuem são graças à intervenção externa. Essa é uma ideia perversa que legitima o colonialismo e as práticas de exploração e dominação em territórios coloniais.

Em 19 de julho de 1956 o jornal A Tarde publicou, “*Maior procura para o cacau: as cotações de Acra acima das nossas*.” A reportagem destaca Acra, capital da Costa do Ouro, na exportação de cacau para os EUA e segue discorrendo sobre a quantidade de sacas de cada país exportador.

A reportagem do dia 26 de março de 1957 faz uma apresentação da nova República de Gana, tendo como foco a sua estrutura econômica. O jornal publica o texto escrito por Frank Anthony¹³, na quarta página da edição.

“*Ghana o novo e rico país africano; o primeiro produtor mundial de cacau*” foi o título da reportagem que afirma o desenvolvimento do antigo território britânico na África Ocidental, porém no decorrer do seu texto justifica este desenvolvimento por meio dos anos de colonização inglesa. Ao sinalizar que “*Ha meio século atrás a Costa do Ouro era completamente subdesenvolvida*” a reportagem considera esta condição de “*novo e rico país africano*”, como um resultado da presença britânica na região. O texto reclama da ausência de um porto seguro para os poucos navios que ali chegam, no entanto destaca que “*hoje em dia isso mudou*”, junto com a produção de cacau que também evoluiu.

A reportagem sustenta que no período da colonização a região se beneficiou do aparato técnico britânico, mas os próprios agricultores locais é que limpavam as florestas e ampliaram as plantações tendo assim “*fenomenal incremento na produção de cacau*” do novo país. A matéria sinaliza para o protagonismo dos agricultores africanos que não estiveram alheios ou passivos aos processos econômicos desencadeados pelo colonialismo inglês.

Nota-se também que o texto apresenta outras riquezas além do ouro, como o manganês, o diamante e a bauxita. Informa também que desde 1951, a Costa do Ouro, vem investindo no desenvolvimento do sistema de transportes.

“*Acra vendeu 15 mil Toneladas: Maior firmeza do cacau*” foi o título da reportagem da edição do dia 24 de abril de 1957 no jornal A Tarde. O texto se refere à divulgação dos boletins do escritório do governo brasileiro em New York acerca dos dados quantitativos da produção de cacau em Acra que não acarreta riscos ao Brasil, porém é importante se ter conhecimento, conforme aponta o jornal.

Outra reportagem sobre o boletim do escritório de comércio de cacau em New York tem como título “*A África acompanhará o Brasil na elevação dos preços.*”. Datada de 15 de julho de 1957, na página 03, essa reportagem informa que nos boletins do escritório do comércio de cacau em New York se trabalha com a hipótese de um possível

¹³ Frank Anthony - Presidente do Conselho Inter-Estadual de Educação anglo-indiano. Entre 1947 e 1957 foi o representante da Índia na conferência da commonwealth.

aumento nos preços do cacau, além de considerar que o primeiro-ministro de Gana manifestou a sua simpatia com a política adotada pelo Brasil para com o cacau.

Na reportagem de título “*Reação à política do preço mínimo do cacau: dependência do volume das safras da África e do Brasil*”, do dia 26 de julho de 1957, aparece uma imagem de Acra com a seguinte legenda: “*Uma vista da moderna capital africana de Ghana, antiga Costa do Ouro, que é o maior produtor de cacau do mundo.*” Gana aparece no texto como meta a ser superada em relação à qualidade e ao valor do cacau. Além de informar que estão praticamente controladas as pragas nas lavouras de cacau nas regiões dos Ashanti e Togo.

No dia 31 de julho de 1957, na terceira página, foi veiculada uma reportagem sobre a “*A safra de Ghana afetada pelos temporais*” informando o risco de queda na safra de cacau com as constantes tempestades que afetavam a região.

Em 20 de setembro de 1957 foi publicada outra reportagem com o título “*Reação dos preços do cacau de Acra: Pequenos embarques da Bahia*”, localizada na segunda página, onde consta uma declaração do boletim de comércio discutindo a cotação do cacau em Acra e os reflexos disso para a Bahia.

A última reportagem do jornal A Tarde que trata de questões de conteúdo econômico, durante os anos de 1951 a 1957, foi registrada no dia 1 de novembro de 1957, localizada na quarta página. Com o título “*Conferência Internacional de pesquisadores de cacau*”, discutia a realização da próxima conferência e a possibilidade de que a mesma viesse a ocorrer no ano de 1958, em Gana.

Prosseguindo com a proposta deste tópico faremos as análises das reportagens de conteúdo político, um total de 14 (quatorze) veiculadas pelo jornal A Tarde durante os anos de 1951 a 1957.

No dia 26 de janeiro de 1951 foi registrada a primeira reportagem referente à política na região da Costa do Ouro. A matéria, localizada na terceira página, segundo o jornal, teve a autoria de um correspondente especial do Manchester Guardian. Intitulada como “*Vitória do Nacionalismo na Costa do Ouro Movimento no sentido do Governo Próprio Já*” a reportagem informa sobre a vitória do jovem partido CPP¹⁴, com o seu “irresistível programa de ‘Governo próprio já’ proclamado há quase sete meses atrás, nas

¹⁴ Convention People’s Party.

eleições na Costa do Ouro. Apresenta a UGCC¹⁵ como partido rival e que conseguiu apenas dois lugares numa localidade rural da região, além de citar outros partidos que não conseguiram um único lugar.” Prossegue com a dimensão dos votos obtidos pelo Sr. Kwame N’krumah só em Accra, e adverte que, o Sr. N’krumah, líder do CPP, encontrava-se preso, por ocasião do pleito, cumprindo pena por sedição e incitação à “greve ilegal”.

É importante observar que esta reportagem sinaliza o fato de N’krumah está preso, por uma ação realizada pelo o CPP e os sindicatos existentes na Costa do Ouro para resistir à condição de colônia que se encontrava o território africano. O sindicalismo foi uma dentre as “formas modernas de organização da contestação e de expressão política de que a África soube munir-se.” (M’BOKOLO, 2011, p. 596). Além de assumir um papel de destaque no amadurecimento das consciências africanas principalmente pelo fato de por em prática meios para alcançar a independência, estes também foram um elo entre a “ordem econômica e social e as esperanças políticas”. (M’BOKOLO, 2011, p. 601).

No entanto a matéria do jornal A Tarde evidencia o caráter “*ilegal*” da greve o que justificaria a prisão do futuro primeiro-ministro. Esta colocação do jornal dá visibilidade à condição de maior interesse dos ingleses que era considerar N’krumah como um infrator, afinal o mesmo se encontrava em cárcere. Este posicionamento do periódico colabora para uma visão negativa daquele que tentava através de meios pacíficos alcançar uma conscientização popular que levaria ao povo da Costa do Ouro a derrubar a ordem colonial e alcançar sua independência.

A reportagem informou sobre a popularidade do partido, CPP, a qual é justificada pela força do nacionalismo que atingiu todas as cidades e aldeias do país, ao contrário do que acreditava os círculos governamentais de Accra, e também pode creditar essa popularidade, segundo o periódico, às promessas aos plantadores de cacau de futuros aumentos de preços dos seus produtos, junto com o fato de exortar e explicar as massas, o CPP conseguiu dominar as zonas rurais do mesmo modo que as zonas urbanas. Sobre os demais partidos, a matéria certifica que não poderão enfrentar o CPP.

A UGCC, depois da cisão de 1949, quando Nkrumah saiu para fundar o seu partido, se transformou num grupo de advogados entregue a discursões, e que seu representante mais capaz, o Dr. J. B. Danquah várias vezes anunciou sua intenção de se afastar da política. A reportagem ainda pondera sobre o slogan “governo próprio já”, o

¹⁵ United Gold Coast Convention.

qual acabou com a possibilidade de outros partidos competirem com o CPP, pois não tinha recurso propagandístico capaz de se opor ao slogan e tentar isso seria “*impatriótico*”. E adverte que em todos os países colonizados só existem dois partidos, um do movimento nacionalista e um do governo colonial.

Em 9 de fevereiro de 1951 foi publicada, na primeira página, uma reportagem sobre o “*1º Parlamento da África Ocidental Inglesa*” que informava sobre a presença dos advogados do autogoverno na liderança das eleições em Acra. A matéria trata da instalação do 1º parlamento amplamente representativo, na colônia e protetorado britânico. E, mesmo ainda sem ter finalizado a contagem das urnas, ao CPP, do líder Kwame N’krumah recolhido em uma prisão desta cidade, coube 27 cadeiras. A reportagem declara também que os artigos publicados por N’krumah e que o levaram à prisão exigiam o autogoverno nesta terra de ouro, manganês e cacau. N’krumah que era proprietário de uma cadeia de jornais local foi preso por publicar estes artigos considerados sediciosos.

Outra reportagem política foi veiculada no dia 21 de março de 1951 localizada na terceira página da edição. De autoria de Carlos Dávila¹⁶ o texto, “*América e África: Uma ‘Passionária’ e um Stalin Negro*” expõe de início, a sólida presença das potências coloniais europeias em África, com o objetivo de fortificar ali os pilares de sua prosperidade econômica, na hipótese de que venha a agressão soviética.

A reportagem não tem a Costa do Ouro como foco principal, porém ao mencionar a existência de um congresso pan-africano que representa a luta de libertação do jugo branco, “*se necessário pela força, mesmo que isso os destrua com o resto do mundo*”, o texto anuncia uma fala recente do Dr. Kwame N’krumah de “*fundar uma república soviética na África Ocidental*”.

Apresenta o *Rassemblement démocratique africain* um movimento do Baka no (Sudão francês) e que já existia em outras regiões como Costa do Marfim a um passo da Costa do Ouro, da Guiné francesa e da Libéria. Faz um breve relato da luta dos africanos colonizados pelos franceses na busca pela autonomia. E em relação à África inglesa, afirma que existe um fomento na participação dos nativos nos governos coloniais, principalmente na Costa do Ouro, Nigéria, Tanganica e em Uganda.

¹⁶ Embaixador, escritor, diplomata e editor chileno.

“*África – Um colosso que surge – I*”, de 09 de outubro de 1951 localizada na terceira página, foi uma reportagem de autoria do Basil Davidson, (correspondente da APLA para A Tarde), que informa a observação feita por um líder do congresso africano (que não teve nome e nem o ano informado pela reportagem) para despertar a atenção da África, em relação à necessidade da associação entre negros e brancos, o que não tem ocorrido. Falou sobre o plano de desenvolvimento que é propício para o homem branco, mas não para o negro.

A reportagem reconheceu a África com “*padrões mínimos de sobrevivência*” e as potências imperiais pensam em elevar a exploração e não na “*verdadeira expansão*”. O autor ainda alega que se fizessem bem feitorias, melhoraria as condições de vidas dos africanos e elevaria o nível técnico dos mesmos. Segundo o artigo isso não deve ser ignorado, e ratifica que o nível de vida deve se elevar junto com a produção. O autor finaliza o seu texto ao informar que o fato mais sensacional da África tropical nos últimos dez anos, é “*o despertar dos africanos contra a exploração dos brancos*” e a condição de governo autônomo na Costa do Ouro tem efeito catalítico, por isso o autor acredita que a “*África é um colosso que emerge*”.

Basil Davidson foi um escritor e jornalista inglês contrário a tradição colonial da Inglaterra. Acabou por se tornar um estudioso sobre África, sobretudo do período pré-colonial. Ao se tornar um conhecedor das relações entre África e Europa, Basil, que sempre expressou sua rejeição ao imperialismo colonial, chegou a escrever sobre Gana e os ideais pan-africanistas existentes na luta de libertação desta nação no período pós-independência, e passou a trabalhar por um ano na Universidade de Accra em 1964¹⁷.

Na edição do dia 23 de janeiro de 1953 foi publicada uma reportagem com o título “*Independência para a Costa do Ouro*”, localizada na nona página. O texto sinaliza a aprovação de uma resolução, pelo Partido da Convenção Popular de Kwame N’krumah, a ser enviada a rainha da Inglaterra solicitando completa autonomia a Costa do Ouro. A resolução solicita uma lei que conceda a independência para Costa do Ouro sob o nome de “*Ghana*”, tendo a rainha como chefe no estado soberano e independente.

Esta é uma reportagem contraditória, pois no seu texto tem explícito o desejo pela “*completa autonomia*” da Costa do Ouro e consta também a intenção em ter a rainha da

¹⁷ Para mais informações acessar: <http://www.theguardian.com/books/2010/jul/09/basil-davidson-obituary> acessado em 14/02/2016

Inglaterra como “*chefe*” desta nova Nação. No entanto em toda a bibliografia estudada sobre o processo político da Costa do Ouro não se encontra referência sobre este desejo dos africanos pela autonomia em que a monarca inglesa faria parte da representação do novo país africano. Além de figurar uma submissão dos africanos da região, pois estes não pretendiam, segundo a reportagem, acabar totalmente com o vínculo institucional com a Inglaterra.

Já no dia 11 de fevereiro de 1957 foi anunciada a data da comemoração da independência da Costa do Ouro, numa reportagem com o título, “*Ghana - a nova nação africana: A festa ocorrerá no dia 6 de março*”. Localizada na quinta página da edição a reportagem informou que a “*nova nação totalmente negra da África Ocidental*” terá um gabinete e um parlamento. A independência foi proclamada, segundo a reportagem, pela Inglaterra em 18 de setembro de 1956, já o ingresso na Comunidade Britânica acontecerá no dia 06 de março de 1957. O texto informa que a rainha será a soberana de Ghana com poderes executivos através de um governador-geral que ela nomeará. Como é possível observar através da bibliografia e de outras reportagens, a matéria veiculada não corresponde à realidade que ocorreu a partir da independência de Gana, pois contraria as propostas dos líderes e representantes desse processo de independência que era a emancipação completa da Costa do Ouro.

“*A visita de Nixon à Costa do Ouro*” foi o título da reportagem no jornal A Tarde veiculada no dia 14 de fevereiro de 1957, localizada na terceira página da edição. O texto sinaliza que a visita de Richard Nixon, vice-presidente dos Estados Unidos, para a celebração da independência da Costa do Ouro, “*representa o respeito que os E.U.A. têm pelas novas nações nascidas de um passado de colonização*”. A reportagem também destaca o tributo a Grã-Bretanha que promoveu, com “*muita previsão a maturidade política deste importante território*”.

A reportagem finaliza destacando que, a Costa do Ouro adotará o nome de “*Ghana*”, um antigo império africano, se tornando um modelo para outras regiões da África. Informa que o país aceitou com “*entusiasmo*” as formas parlamentares do Ocidente e que o primeiro-ministro, Kwame N’krumah, estudou nos EUA e na Grã-Bretanha.

A véspera das comemorações da independência da antiga Costa do Ouro foi veiculada uma nota sobre a chegada do vice-presidente Nixon a Acra, capital de Gana, quando será instalada oficialmente a nova República de Gana. Nota que se localiza na

primeira página do dia 4 de março de 1957 e com o título, “*A nova república de Ghana, O Sr. Nixon representará os E.U.A.*”.

Em 6 de março de 1957, localizada na primeira página do jornal A Tarde, foi publicada a reportagem que apresenta a festa de comemoração da emancipação política da Costa do Ouro, intitulada como “*A república de Ghana esta em festa: fogos-de-artifício, à meia-noite, assinalando a independência*”.

O jornal noticiou a cerimônia que oficializou a nova República de Gana informando também sobre a presença do novo país africano na comunidade britânica de nações. A reportagem sinaliza o clima de festas na região, descrevendo as cores da bandeira, e uma parte do discurso de N’krumah que afirma “*nós não somos mais escravos. E que a independência não significa coisa alguma se não tiver ligada a libertação total das demais áreas coloniais do continente africano.*” Também foi informada a presença das representações dos EUA, que presenteou a nova nação com uma biblioteca, e da URSS que doou um avião e alguns automóveis.

Esta reportagem veiculou um dos principais objetivos da luta pela emancipação na Costa do Ouro que foi a libertação do continente africano como um todo do jugo colonial, o que caracteriza a intenção pan-africana deste processo político que não acabou com a conquista da independência da Costa do Ouro.

Em 8 de março de 1957, localizada na primeira página do jornal A Tarde encontra-se a notícia de título, “*Ghana 81º Membro da O.N.U*”. Tratava-se de informar o apoio do conselho de segurança para admissão da nova nação, Gana, na ONU, uma recomendação anglo-australiana que foi aprovada por unanimidade pelo conselho de segurança da ONU.

Foi veiculada na página 4 da edição de 20 de março de 1957, com o título de “*Vozes D’África*”, uma matéria que descrevia o século XX como o século das emancipações das raças e declarava a “*Inglaterra como país europeu vanguarda nesta política de libertação das colônias*”, como a Índia, os reinos Árabes e agora a Costa do Ouro, oficialmente o Estado de Gana, uma importante região entre a Costa da Guiné e o Benin, que forneceu a América e, particularmente ao Brasil, *muitos trabalhadores*. O texto afirma que Gana figura como principal produtora de cacau no mundo e que *houve uma cooperação do Brasil com a colonização portuguesa em África*, além de enunciar que pela mão dos ingleses a nova nação africana penetra na ONU. O pedido de apoio ao governo brasileiro para este novo país independente é o clamor final do texto.

Uma nota com o título “*O Estado de Ghana na Organização internacional do Trabalho*” foi publicada na página 12 da edição do dia 31 de maio de 1957. A nota informa que o novo Estado de Gana passou a integrar a Organização Internacional do Trabalho (OIT) como seu 81º membro e que, em carta ao diretor da organização, o primeiro-ministro aceita as obrigações constitucionais da OIT.

No dia 3 de junho de 1957 foi publicada uma reportagem comemorativa que aborda vários aspectos da nova República de Gana localizada na página 18 com o título “*Ghana: Experiência de democracia na África; A Costa do Ouro adotou o nome de grande império desaparecido*”. O texto considera que “*numericamente e estrategicamente Ghana têm pouca significação*”, porém é a primeira colônia “*puramente africana*” a alcançar a sua emancipação, portanto a verdadeira democracia africana é posta à prova em Gana, cujos frutos influenciarão as outras independências do continente.

A reportagem descreve, de maneira sucinta, o caminho percorrido por Gana para alcançar a autonomia destacando a rota diferente das outras libertações, uma “*estrada suave*” já que, para o jornal, nunca houve lutas violentas pró-independência. Segundo a reportagem depois de 1948 a Inglaterra preparou a Costa do Ouro para a sua emancipação em um futuro próximo, com um governo puramente africano em um sistema parlamentar vigoroso.

Primeiramente é de suma importante evidenciar a não existência da luta armada para a conquista da emancipação política da Costa do Ouro, no entanto esta característica não isenta as repressões violentas do governo colonial aos atos políticos como, passeatas, boicotes e greves, que foram respondidas com ataques, mortes e prisões de seus manifestantes. Outra característica a ser destacada é o fato da Inglaterra não ter alternativa a não ser admitir os africanos enquanto agentes políticos que ansiavam por orientar politicamente o seu país, ou seja, os africanos tiveram que buscar as suas ideologias e consciência políticas por conta própria e adaptar a sua própria realidade.

Nessa mesma reportagem, notifica-se que o governo de N’krumah foi apoiado pelo CPP e pelos chefes da Nação. Há também uma descrição da Costa do Ouro em quatro regiões. O texto também informa que o movimento de libertação nasceu na região Ashanti, e descreve a simbologia em torno da “*cadeira de ouro*”¹⁸.

¹⁸ Símbolo da nação Ashanti o “Tamborete de Ouro era o que de mais sagrado existia para os Ashantis, pois o considerava o símbolo de sua alma e de sua sobrevivência como nação.” Ver (GUEYE & BOHAEN, 2010, p. 161)

A matéria explicitou algumas rivalidades existentes no novo país entre os líderes de alguns *povos tradicionais*¹⁹ e o novo governo parlamentar centralizado. Apresentou também a visão de alguns dos líderes dos *povos tradicionais* que consideravam N'krumah como um ditador. Usando como base um relatório da comissão de compras de cacau denuncia a existência de filhotismo²⁰ na política do primeiro-ministro. Em resposta às denúncias, N'krumah realizou eleições e recebeu a maioria dos votos, afastando a oposição do MLN (Movimento de Libertação Nacional) que alegaram ilegalidade no pleito.

A matéria expõe a resposta às acusações sofridas pelo primeiro-ministro Dr. N'krumah que condenou qualquer suspeita sob seu governo que, segundo ele, “*se dedica para a implementação de uma democracia parlamentar*”, e finaliza, o seu discurso, salientando que a corrupção é inerente a todos os povos do mundo, até aos antigos, e que cabe ao povo educado aniquilar esta prática.

A última reportagem sobre a política na Costa do Ouro foi veiculada na coluna “*O mundo pelo telégrafo: Contra o governo de Ghana*” datada do dia 22 de agosto do ano de 1957, coluna que é localizada na primeira página. A nota expõe o planejamento de N'krumah, primeiro-ministro, ao apresentar uma lei na Assembleia Nacional contra as violentas manifestações de oposição ao governo que estouraram há dois dias. A nota continua informando que diante do anúncio da projetada lei e da deportação de dois adversários a oposição acusa o governo de usar métodos totalitários.

Após esta etapa podemos ilustrar na tabela a seguir a organização temática das reportagens do jornal A Tarde sobre a Costa do Ouro durante os anos de 1951 a 1957.

Tabela 3 Reportagens do Jornal A Tarde

DATA	TÍTULO	PÁGINA
10/01/1951	A Molestia do cacau na Nigéria e na Costa do Ouro: I	03
11/01/1951	A Molestia do cacau na Nigéria e na Costa do Ouro: II	03
17/01/1951	O cacau bahiano contem menos 2% de manteiga que o africano: “Será feita nossa defesa na bolsa de Londres”, diz o presidente da C.C.C. B.	03
26/01/1951	Vitória do Nacionalismo na costa do Ouro Movimento no sentido do “Governo Próprio Já”	03
09/02/1951	1º Parlamento da África Ocidental Inglesa	01

¹⁹ Termo utilizado pela reportagem.

²⁰ Filhotismo foi usada como sinônimo de nepotismo, protecionismo e favoritismo.

21/03/1951	América e África: Uma “Passionária” e um Stalin Negro	03
24/09/1951	O Cacau desamparado aqui: fortemente protegido na Costa do Ouro	02
09/10/1951	África – Um colosso que surge – I	03
17/01/1953	Pelo Mundo Afora	04
23/01/1953	Independência para a Costa do Ouro	09
02/02/1954	A Alta do Cacau: Alguns problemas do mercado Africano	03
20/03/1954	Mercado de Cacau: perspectiva da safra de cacau	02
23/03/1954	Á praga dos cacauais africanos não foi dominada: Perspectiva de menor produção frente ao consumo, recomenda-se o aumento das produções brasileiras.	02
11/04/1955	O Cacau africano: Condições de sua produção na Costa do Ouro	03
23/05/1956	Os negros da Costa do Ouro querem ver Candomblé...: Mas produzem muito mais cacau que nós.	12
28/05/1956	Os nossos irmãos africanos	03
19/07/1956	Maior procura para o cacau: as cotações de Acra acima dos nossos	11
11/02/1957	Ghana - a nova nação africana: A festa ocorrerá dia 6 de março	05
14/02/1957	A visita de Nixon à Costa do Ouro	03
04/03/1957	A nova república de Ghana, O Sr. Nixon representará os E.U. A	01
06/03/1957	A república de Ghana esta em festa: fogos de artifício, à meia noite, assinalando a independência.	01
08/03/1957	Ghana 81º Membro da O.N. U.	01
20/03/1957	Vozes D’África	04
26/03/1957	Gana o novo e rico país africano; o primeiro produtor mundial de cacau.	04
24/04/1957	Acra vendeu 15 mil Toneladas: Maior firmeza do cacau	02
31/05/1957	O Estado de Ghana na Organização Internacional do Trabalho	12
03/06/1957	Ghana: Experiência de democracia na África; A Costa do Ouro adotou o nome de grande império desaparecido.	18
15/07/1957	A África acompanhará o Brasil na elevação dos preços	03
26/07/1957	Reação à política do preço mínimo do cacau: dependência do volume das safras da África e do Brasil	03
31/07/1957	A safra de Ghana afetada pelos temporais	03
22/08/1957	Contra o governo de Ghana	01
20/09/1957	Reação dos preços do cacau de Acra: Pequenos embarques da Bahia	02
01/11/1957	Conferência Internacional de pesquisadores de cacau	04

3.3 – Notícias da Costa do Ouro no Diário

A partir de agora serão apresentadas e descritas as reportagens encontradas no Diário de Notícias que abordaram a Costa do Ouro durante os anos de 1951 a 1957. As reportagens serão agrupadas de acordo com os seus conteúdos. É importante salientar que as mesmas serão analisadas a partir do que elas informam sobre a Costa do Ouro, mesmo se outras regiões da África estiverem envolvidas no texto.

As reportagens com os conteúdos relacionados à economia serão as primeiras a serem aqui trabalhadas. Este que foi o único tema abordado pelo jornal até o ano de 1955, ou seja, durante os cinco anos iniciais da pesquisa o Diário de Notícias só veiculou reportagens relacionadas à economia. Com um conjunto de dez (10) reportagens no total de dezessete (17) veiculadas pelo periódico, este foi o tema mais abordado pelo jornal em relação à Costa do Ouro durante o período estudado.

Ao longo da coleta e leitura das reportagens foi constatado que 90% das 10 reportagens de teor econômico encontradas no Diário de Notícias estão localizadas na seção de “*Economia e Financias*”, uma coluna de publicações permanentes no periódico. É uma coluna que expõe informações gerais dos rendimentos e condições de produção de diversos produtos a nível internacional e nacional.

É conveniente destacar também que todas as reportagens que serão descritas com teor econômico foram assinadas por Oscar Cordeiro²¹, um total de 65% das reportagens do periódico.

A primeira reportagem foi publicada em 29 de setembro de 1951. Estava localizada na segunda página do periódico. Tendo como título “*Fomento agrícola africano*”, o seu texto aborda o desenvolvimento de outros produtos, além do cacau, café e cana de açúcar em diversas regiões da África pelos colonizadores, e relaciona estas informações com o risco que esta evolução da produção africana pode causar para o Brasil que também é produtor de mercadorias similares.

A reportagem seguinte vem no dia 13 de novembro de 1951, localizada na página 8 tem como título “*Política Mundial do cacau*”. O autor apresenta o empenho dos produtores de cacau em regiões da África como Acra, na Costa do Ouro, no sentido de

²¹ Oscar Cordeiro foi um significativo colunista do periódico na década de 1950. Na década de 1930 foi o presidente da Bolsa de Mercadoria e Futuro da Bahia e que no mesmo período estava envolvido com a descoberta do petróleo na região do Lobato sendo, por muitos, considerado o responsável pela descoberta do óleo. Oscar Cordeiro tinha muita aproximação com a imprensa chegando a ser considerado “um homem do povo” por SILVA (2010), e desde a década de 30 utilizava o Diário para a difusão dos interesses da casa de mercadorias e da descoberta do petróleo.

aumentar a sua produção de cacau e outros tipos de cultivo. É importante salientar, conforme a matéria, que esta política econômica beneficiaria os países europeus que tinham colônia no continente africano. A reportagem adverte que em outras regiões do mundo a produção também vem aumentando, como na América central e aqui na Bahia, com isso, a concorrência é muito forte e só os países que tiverem a sua produção organizada poderiam reter melhor lucro.

A edição do dia 13 de setembro de 1952, na página 4, veiculou reportagem de título “*Cacau africano*”. Oscar Cordeiro, autor do texto, declara que graças ao investimento europeu os países africanos vêm melhorando em qualidade e quantidade a sua produção de cacau, junto a esta prática existe também o preparo de outras áreas para o aumento da produção. Mais uma vez é dada ênfase a intervenção inglesa como algo positivo em termos de desenvolvimento econômico para a região da Costa do Ouro. No entanto, essa visão precisa ser relativizada e problematizada, haja vista que o crescimento no setor econômico poderia muito bem acontecer autonomamente, pois eram os próprios africanos que detinham a posse e o controle da produção cacauífera na Costa Ouro.

No dia 7 de março de 1953, localizada na página 4, tem uma reportagem de título “*Produção Africana*”. A ideia apresentada é a de que os colonizadores do continente africano continuam a incentivar a exploração das terras africanas que por sinal estão tendo resultados favoráveis na produção já existente e em novos produtos.

“*Cacau Africano*” é o título da reportagem do dia 4 de setembro de 1953, localizada na página 4. O autor informa que a colheita de cacau no “*continente negro*²²” está sendo intensificada pelos países colonizadores. E esta “*organização*” na produção africana junto com os investimentos dos colonizadores constitui uma ameaça a outras nações.

A edição do dia 7 de outubro de 1954 publicou o texto de título, “*O cacau no mundo*”, localizado na página 4, que descreveu o aumento dos valores das sacas de cacau em países africanos, como a Costa do Ouro. A reportagem sinalizou que esta elevação nos preços do cacau incentivava outros países, que não tinham grandes produções a cultivar o produto.

No ano de 1955, dia 6 de abril, localizada na página 4 foi publicada reportagem de título “*O cacau no mundo*”, que informa o fim da colheita da safra de cacau

²² Termo utilizado pela reportagem.

na Costa do Ouro e que a elevação da produção na colônia é um indicador de que possivelmente conseguiram conter as pragas.

Já em 8 de outubro de 1955 a reportagem “*Cacau Africano*”, localizada na página 4, aborda o incentivo de países europeus as suas colônias na produção de cacau e com o espírito de trabalho eficiente dos colonizadores em breve estes vão produzir 12 milhões de sacos de cacau. A reportagem destaca a política produtiva e econômica adotada no continente africano para melhorar a qualidade do cacau, para isso foi realizada uma conferência de produtores de cacau em Londres.

A reportagem de título, “*Cacau Africano*”, publicada no dia 24 de dezembro de 1955, na página 4, sinalizando a presença dos colonizadores europeus que se mantinham interessados em desenvolver a produção de cacau nas regiões de suas colônias no “*continente negro*”.

No dia 23 de maio de 1956, na primeira página, foi publicada uma imagem, com a legenda “*Negros da África da Bahia*” e de maneira breve informa que a delegação da Costa do Ouro esteve presente na VI Reunião Internacional do cacau, caracterizando-a como a mais curiosa das delegações e que os seus membros estão encantados com a Bahia.

Na mesma edição, porém com um tamanho maior, na oitava página do jornal, foi publicada a matéria, “*Negros da África estão em Salvador*”. Contêm duas imagens, uma com a delegação da Costa do Ouro junto com a legenda “*estranha delegação*” e outra que se refere a um dos membros da delegação e de legenda “*negro legítimo*”.

As duas legendas são termos colaboradores para uma percepção pejorativa de África, pois diante da “*estranha delegação*” de africanos ela detecta o “*negro legítimo*”, a matéria impõe o esquisito para se reconhecer um negro africano. Sendo assim a legitimidade da identidade negra, na representação do jornal, obedece a uma lógica de depreciação do ser negro e ser africano.

O corpo da reportagem se propõe a alertar a presença deste grupo de homens negros, na conferência do cacau realizada em Salvador. O jornal pretende alertar a população para que tratem bem os visitantes, pois assim como os nossos antepassados, no curso de três séculos e meio, vieram da Costa da África, e possivelmente podem ser um dos vossos e nossos parentes. De todas as delegações presentes essa foi a que até o momento chamou mais a atenção popular, desde quando chegaram, os 14 “*elementos*”

são cercados pelo interesse popular. Os elementos em apreço são grandes cacauicultores da Costa do Ouro e vem em uma missão de boa vontade. Encontra-se entre os membros chefes de “tribos” notáveis da África.

A outra reportagem que aborda essa delegação foi uma homenagem feita pela Associação de Homens de Cor da Bahia. Localizada na página 3 da edição de 27 de maio de 1956 a reportagem com o título de “*Homenagem aos congressistas da Costa do Ouro*” apresenta uma “*significativa homenagem aos congressistas sul-africanos da Costa do Ouro*” que participam da VI Reunião Internacional do Cacau. Esta nota trata-se de um convite à sociedade civil e diversos grupos sociais da cidade para comparecerem ao evento.

“*Produtores africanos*” é o título da reportagem, que não estava localizada na coluna de “*Economia e Financias*”, na página 4 do dia 5 de abril de 1957. O colunista Oscar Cordeiro considera que a África se torna inquestionavelmente uma grande ameaça a economia do Brasil. Segundo o autor existe uma aliança denominada EURÀFRICA, que pode se tornar uma ameaça aos produtos “*coloniais*” dos produtores brasileiros.

As reportagens do Diário de Notícias que abordam a Costa do Ouro no viés político, ao longo do período em que estudamos estão localizadas nos dois últimos anos do recorte cronológico da pesquisa. A primeira do dia 13 de março de 1956, localizada na página 4, de título “*Evolução da África*”, também era de autoria de Oscar Cordeiro. O texto da matéria sinaliza o *grande desenvolvimento social, político e econômico do continente africano organizado pelos países europeus*, que estão preparando a África para abastecer o resto do mundo. Além da produção agrícola, agora nas colônias europeias é notável a “*organização evolutiva*” nas relações de assistência social, educativa, transportes e energia.

Em 9 de março de 1957 na primeira página foi veiculada uma reportagem de título “*Ghana Nação negra já com lugar assegurado na ONU: apoio unanime do conselho de segurança a nova República*”.

Esta reportagem se refere ao apoio unânime do conselho de segurança da ONU para que a “*República de Ghana*” fosse admitida no seio da organização internacional. “*Amadurecida para a democracia*”, um dos subtítulos da reportagem, enfoca a fala de Pielson Dixon, delegado da Grã-Bretanha, que salienta o ponto culminante de constante evolução, baseada nas instituições democráticas.

O delegado também afirma que a relação entre os dois países será frutífera para ambas as nações, para a Commonwealth²³ e para a comunidade internacional. O texto expõe o posicionamento de outros delegados com o mesmo intuito, como os da Austrália e dos Estados Unidos, que ainda destacam “*a Inglaterra que concedeu a independência*” à nova nação africana rendendo uma singela homenagem ao antigo colonizador da região.

É perceptível que a intenção direta da reportagem é destacar a ação benevolente da Inglaterra para com a sua antiga colônia. Ao passo que a notícia além de anular os anos de lutas e as diversas tentativas de quebra da ordem colonial realizadas pelos africanos, ao informar que a Inglaterra concedeu a independência à Costa do Ouro, evidência o caráter apadrinhador da antiga metrópole com os seus ex-colonizados ao darem a esses o amadurecimento político que os legitimariam dentro da organização internacional.

A reportagem apresenta o posicionamento dos delegados de outras nações como a França que acredita que a nova nação possa trazer contribuições à comunidade internacional; o delegado da China que sinaliza a necessidade de admitir outros países, e o do Iran que acredita que este feito mudará a relação entre os países africanos e europeus. O delegado da URSS apoia a resolução e ainda informa, segundo a reportagem, que esta emancipação é um marco histórico na luta dos povos africanos para obter a independência e um duro golpe no colonialismo. Em seguida a Gana se torna membro da organização internacional.

Já em 10 de março de 1957, na primeira página, foi publicada uma nota que apresenta “*Ghana*”, constituída há dois dias como nação independente, como membro da ONU sem voto contrário. A nota foi veiculada com o título “*Ghana novo membro da ONU: 66 países votaram a favor da admissão*”.

Em 13 de março de 1957, na página 3 da edição, foi publicado um anúncio sobre um ato a ser realizado na Bahia com o título “*Uma homenagem dos bahianos a Costa do Ouro: regosijo pela independência daquele país*”, a nota pretendia informar que a federação de culto afro-brasileiro e o centro operário da Bahia convidam para a grande homenagem que a Bahia prestará a independência política, social e econômica da Costa do Ouro, que com seus esforços e sacrifícios conseguiram recentemente, conforme já haviam anunciado quando esteve em Salvador uma delegação de cacauicultores da Costa do Ouro.

²³ Comunidades de nações soberanas, a maioria foram ex-colônias da Inglaterra.

Com isso as reportagens do Diário de Notícias podem ser ilustradas conforme a tabela abaixo.

Tabela 4 Reportagens do Diário de Notícias

DATA	TÍTULO	PÁGINA
29/09/1951	Fomento agrícola africano	02
13/11/1951	Política Mundial do cacau	08
13/09/1952	Cacau africano	04
07/03/1953	Produção Africana	04
04/09/1953	Cacau Africano	04
07/10/1954	O cacau no mundo	04
06/04/1955	O cacau no mundo	04
08/10/1955	Cacau Africano	04
24/12/1955	Cacau Africano	04
13/03/1956	Evolução da África	04
23/05/1956	Negros da África da Bahia	01
23/05/1956	Negros da África estão em Salvador	08
27/05/1956	Homenagem aos congressistas da Costa do Ouro	03
09/03/1957	Ghana Nação negra já com lugar assegurado na ONU: apoio unanime do conselho de segurança a nova República	01
10/03/1957	Ghana novo membro da ONU: 66 países votaram a favor da admissão	01
13/03/1957	Uma homenagem dos bahianos a Costa do Ouro: regosijo pela independência daquele país	03
05/04/1957	Produtores africanos	04

Finalizado esse inventário geral sobre as notícias publicadas nestes jornais sobre o processo de independência da Costa do Ouro, no período de 1951 a 1957, é possível passar a outro nível de análise a partir da identificação das diferenças nas abordagens entre os jornais.

3.4 – Comparando os jornais, analisando as notícias.

Uma primeira observação a ser feita é em relação ao tema de interesse mais constante entre os jornais, o fator econômico. É notório que, diante das informações anteriores, existiu uma forte relação e preocupação em ambos os jornais para destacar a

evolução e condição da produção cacaeira da Costa do Ouro durante o período de 1951 a 1957.

O jornal A Tarde e o Diário de Notícias enfatizaram em suas reportagens que a condição da Costa do Ouro como maior produtor de cacau do mundo teve um significativo investimento dos britânicos, e que as autoridades brasileiras deveriam ficar atentas ao que estava acontecendo, pois esta “hegemonia” da Costa do Ouro, considerável concorrente, trazia sérios riscos aos produtores de cacau e a economia do Brasil.

Outra característica das reportagens veiculadas foi o acompanhamento do processo desenvolvido na Costa do Ouro para melhorar a qualidade da produção cacaeira, como o A Tarde, em 17/01/1951 fez uma comparação do cacau da Costa do Ouro e o cacau baiano, certificando a queda na qualidade deste último.

Na mesma linha está a insatisfação em relação ao modo como era tratada a produção de cacau na Bahia, como pode ser visto na reportagem do dia 24/09/1951 que reclama do descaso com que as autoridades estão tratando a produção cacaeira na Bahia tomando como referência, para legitimar a crítica, a proteção aos produtores de cacau na Costa do Ouro.

O jornal A Tarde chegou a expor na reportagem do dia 26/03/1957, que a Inglaterra foi a grande mola propulsora para o desenvolvimento da Costa do Ouro na produção do cacau e em outros serviços como os de transportes. A matéria considera que a riqueza em que se encontra a República de Gana se deve ao período da colonização inglesa na região, esta consideração sinaliza uma perspectiva positiva da colonização deixando transparecer que o feito colonial trouxe benefícios para a região colonizada.

O jornal A Tarde em determinadas reportagens veiculava boletins do escritório comercial do governo brasileiro, com isso poderia se ter um acompanhamento das lavouras de determinados países produtores de cacau incluindo a Costa do Ouro. Muitos destes boletins, como o do dia 24/04/1957, relatavam a quantidade de sacas produzidas pela Costa do Ouro e o seu valor, para que pudessem ter uma dimensão das atividades produtivas que eram realizadas na Bahia.

O Diário de Notícias foi mais enfático no que ele considera como “contribuições que o período de colonização trouxe para a antiga Costa do Ouro”. Nos trechos de algumas reportagens, como a do dia 13/03/1956, deixou explícito que o investimento era para o abastecimento dos próprios países colonizadores, porém não negava que estas

aplicações monetárias e estruturais colaboravam para a condição de destaque da Costa do Ouro como maior produtor mundial no período de 1951 a 1957.

As reportagens do Diário de Notícias expunham também o risco que corria a produção brasileira em relação à produção da Costa do Ouro. No dia 05/04/1957 a reportagem demonstra este pensamento e o temor de uma possível união entre os países colonizadores e suas colônias e ex-colônias em África.

Os dois jornais, no ponto de vista econômico, veicularam reportagens que destacavam a evolução do setor diante de significativos investimentos. Neste sentido expunham, como exemplo, a Costa do Ouro e outras regiões da África, que recebiam o investimento de suas metrópoles e com isso alcançavam o topo na produção. Em determinadas reportagens eram exibidas as condições climáticas e das terras que eram favoráveis ao desenvolvimento da produção de cacau. Em outras matérias eram sinalizadas a participação dos produtores africanos e até mesmo das ações do governo da Costa do Ouro, na figura do Kwame N'krumah, para o fomento da produção cacauífera. Porém o que ficou marcante nas reportagens de ambos os periódicos foi a contribuição da Inglaterra no favorecimento da produção de cacau na Costa do Ouro.

O interesse dos jornais nos aspectos políticos foi significativamente menor do que no aspecto econômico, como pode ser constatado na diferença da quantidade das reportagens publicadas. O jornal A Tarde realizou abordagem mais ampla em comparação com o Diário de Notícias, que teve uma contribuição bastante limitada na cobertura do aspecto político em relação à Costa do Ouro.

As reportagens com teor político de ambos os jornais abordaram a inserção da Costa do Ouro na Organização das Nações Unidas (ONU), na Organização Internacional do Trabalho (OIT), e as comemorações pela independência da região frente ao colonialismo. No entanto, o jornal A Tarde expôs, além destes temas, outras reportagens que apresentaram um nacionalismo na Costa do Ouro, a formação do primeiro parlamento da África Ocidental inglesa, a presença do vice-presidente dos Estados Unidos nas comemorações pela independência, enfim, este periódico aprofundou os acontecimentos políticos na Costa do Ouro se comparado com o Diário de Notícias.

O que é possível verificar de similar entre os jornais analisados na pesquisa são as congratulações feitas à Inglaterra pelo amadurecimento político oferecido à Costa do Ouro durante a colonização. Na reportagem que se referiu à visita do vice-presidente dos

Estados Unidos a Gana, em 14/02/1957, para a comemoração da independência, o jornal A Tarde expressou estas congratulações. Em outra reportagem do dia 20/03/1957, por exemplo, a Inglaterra foi considerada complacente no sentido de cooperar com os desejos das antigas colônias de se tornarem nações independentes. Já o Diário de Notícias informou sobre a admissão de Gana como membro da Organização das Nações Unidas em 09/03/1957, e no corpo da reportagem está presente o reconhecimento da participação inglesa para que Gana pudesse alcançar este novo estágio da sua história política. Tal atitude revela bem a visão dos dois jornais sobre a colonização.

Outro aspecto político presente nas reportagens do jornal A Tarde foram os acontecimentos do ano de 1951, como o intenso nacionalismo que surgia na região da Costa do Ouro. Este nacionalismo, segundo a reportagem do dia 26/01/1951, contribuiu para o êxito do CPP nas eleições.

A composição do parlamento da Costa do Ouro em 09/02/1951 ratifica a forte influência do CPP na região e ainda situa a condição do líder do partido Kwame N'krumah que estava preso. Em outra reportagem, do mesmo jornal consta o posicionamento de N'krumah em relação à independência de regiões colonizadas, em 21/03/1957, foi veiculado o desejo do primeiro-ministro da Costa do Ouro para que os povos alcancem a sua autonomia política.

Com isso podemos destacar que o jornal A Tarde, em comparação com o Diário de Notícias, evidenciou com mais intensidade outros aspectos políticos em relação à Costa do Ouro. Mais informações podem ser encontradas sobre a Costa do Ouro no Jornal A Tarde, no entanto em todas as reportagens, mesmo aquelas que abordam o tema da independência, expõe uma relação harmoniosa entre a colônia e a metrópole. Realmente não houve um conflito armado para que a Costa do Ouro conquistasse a sua autonomia, no entanto a posição do governo inglês foi de preparar a região da Costa do Ouro para perpetuar as suas relações diplomáticas com a antiga metrópole.

Outro tema abordado por ambos os jornais foi a presença da delegação da Costa do Ouro na reunião internacional do cacau que aconteceu na Bahia no ano de 1956. Assim como o A Tarde, o Diário de Notícias veiculou duas reportagens sobre os visitantes estrangeiros que chegaram na condição de maiores produtores de cacau do mundo. Nestas reportagens ambos os jornais declaram a surpresa dos visitantes para com as terras da Bahia e a curiosidade que estes causaram para a população local.

Os jornais se dedicaram na cobertura da delegação ao ponto de ambos terem duas reportagens sobre a presença dos visitantes, estas tiveram uma significativa extensão nas páginas em que foram publicadas, além dos registros iconográficos que constam nas matérias dos dois periódicos.

Após esta análise comparativa entre os dois periódicos outra prática possível nesta pesquisa é a análise da frequência de palavras. Quais se repetem? E com qual frequência?

A primeira constatação para esta etapa é a garantia da palavra cacau como a mais utilizada nas reportagens dos jornais A Tarde e Diário de Notícias durante os anos de 1951 a 1957.

Algumas palavras tiveram uma regularidade nos textos das reportagens que passam a ser pretexto para as análises que pretendemos neste tópico. Palavras como cacau, independência, N'krumah e colonização foram as mais utilizadas ao longo das matérias durante o período estudado. É importante destacar que algumas destas palavras não estão no texto de maneira direta, como por exemplo, a palavra *primeiro-ministro* foi também considerada nesta etapa da pesquisa como Dr. *Kwame N'krumah*.

As palavras que forem analisadas serão destacadas em *itálico* para facilitar a compreensão do texto.

Tabela 5 - Palavras mais repetidas nas reportagens

Palavras	A Tarde	Diário de Notícias
Cacau	20 (vinte)	14 (quatorze)
Política	12 (doze)	3 (três)
Kwame N'krumah	10 (dez)	0 (zero)
Colonização	8 (oito)	10 (dez)

A primeira palavra a ser analisada foi utilizada em 60% das reportagens no jornal A Tarde e 82% das reportagens do Diário de Notícias. O *Cacau* foi o principal tema abordado ao longo de todo o período dedicado a esta pesquisa, ambos os jornais se referiram ao tema devido à importância do produto para a economia da Bahia o que levou os periódicos a divulgarem informações da região que melhor e mais produzia *cacau* no mundo. É neste cenário que a Costa do Ouro se enquadra para ser noticiada pelos jornais baianos. A sua reputação na produção cacauzeira servia de referência para os produtores da Bahia e do mundo.

É importante ficar atento ao fato de que o *cacau* produzido na Costa do Ouro, na perspectiva dos jornais, era resultado de um intenso investimento da Inglaterra. Por isso que alcançou o patamar de maior produtor da mercadoria. Esta foi a palavra que mais interessou os jornais A Tarde e Diário de Notícias no ponto de vista econômico em relação a Costa do Ouro.

Outra palavra em destaque nos periódicos da pesquisa foi *independência* que foi veiculada em 36% das reportagens do A Tarde e 17,6% das matérias jornalísticas do Diário de Notícias. O intervalo temporal correspondente de 1951 a 1957 foi o da consolidação e formação do parlamento autônomo para Costa do Ouro que obteve este estágio em 1957.

Kwame N'krumah é a terceira palavra a ser analisada. Dentre as reportagens veiculadas pelo jornal A Tarde contabilizou um total de 30%. Porém para o Diário de Notícias o primeiro-ministro da Costa do Ouro não foi tema de nenhuma reportagem e muito menos citado nas páginas do seu periódico.

A ausência de informação sobre *N'krumah* no Diário demonstra que o periódico não tinha interesse nas atividades políticas da região e do continente africano, apesar de *N'krumah* ter sido um grande expoente na luta pela emancipação dos povos africanos.

Já o A Tarde apresentou o primeiro-ministro principalmente em reportagens que abordavam a independência da Costa do Ouro. Limitando a ação deste importante político ao seu país, no entanto não podemos esquecer a significativa participação deste na luta pela libertação colonial na África como um todo.

A última palavra a ser analisada é *colonização* que esteve presente em 24% das reportagens do jornal A Tarde e 58,8% das reportagens do Diário de Notícias. O interessante a se observar sobre o uso desta palavra nas reportagens é o sentido que lhe foi dado ao longo dos textos. Podemos afirmar após a leitura das reportagens a palavra *colonização*, apenas em uma reportagem do jornal A Tarde teve o sentido negativo, 24/09/1951 foi a única reportagem que condena esta ação dos países europeus em África.

Nas demais reportagens o termo, *colonização*, é visto de maneira tão positiva, que alcança uma dimensão de ser cogitada como referência de aplicação pelas autoridades brasileiras em seus territórios. A condição de maior produtor de cacau do mundo encobriu as mazelas que as práticas do colonialismo ocasionaram nas populações a que a ele foram submetidas.

Partindo da análise destas matérias a primeira síntese desta pesquisa é que os jornais estudados constroem uma ideia de África. Para o Diário de Notícias a África é uma grande rival econômica do Brasil, cujos países europeus têm fomentado as suas indústrias e, até mesmo, acolhe os novos países independentes nas organizações internacionais.

A África diante das reportagens analisadas teve sucesso no seu processo de colonização. É possível interpretar em algumas reportagens que políticas aplicadas em África pelos países europeus deveriam ser vistas com bons olhos pelas autoridades brasileiras. Para este periódico a colonização logrou bons frutos aos países africanos “grandes beneficiados”.

Por sua vez, na cobertura do jornal A Tarde a África é um gigante que surge, após longos anos de colonização. A República de Gana emerge como país rico e maior exportador de cacau do mundo. E com um sistema político “similar” ao da Inglaterra, o que para o periódico é positivo. A África é “devedora” aos países que a colonizaram, pois a inseriram no mercado mundial de modo que pudesse concorrer com o Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Promulgação da lei 10639/2003 deriva da pressão exercida pelo movimento negro, pesquisadores e intelectuais da temática africana, que através de estudos constataram essa negligência que existia no sistema educacional brasileiro. Esse ocultamento aconteceu por inúmeros veículos de divulgação, músicas, legislação, uma vasta bibliografia, assim como os periódicos. Podemos afirmar que estes, os periódicos, tiveram atuação significativa na construção de uma ideia sobre a África e sobre a ação dos países europeus no mesmo.

Bastante da noção existente sobre África na sociedade baiana foi oriunda das informações publicadas pelos jornais, que eram produzidos e consumidos por uma clientela formadora de opinião como professores, médicos, advogados, além é óbvio dos comerciantes, artesãos e populares que absorviam as mensagens dos periódicos.

O Jornal A Tarde e o Diário de Notícias, enquanto plataforma de discurso e interesse das classes dirigentes da Bahia, exibiram uma África que lhes era conveniente. Muitos do corpo editorial destes periódicos estavam preocupados com a produção dos produtos *coloniais* em África, em especial o cacau, e em determinadas circunstâncias até copiar o modelo implantado pelo governo colonial foi sugerido para ser aplicado na Bahia e quem sabe alcançar o mesmo resultado produtivo.

O A Tarde durante o período dedicado pela pesquisa focou o cacau em 60% de suas reportagens, evidenciando a condição agrária da Costa do Ouro e viabilizando uma visão terminantemente rural da localidade. Não podemos perder de vista que para este jornal o referencial rural da região a nível mundial foi desenvolvido com o investimento da colonização inglesa.

O Diário de Notícias demonstrou um grande interesse pelo assunto ao ponto que em suas reportagens um total de 80% abordarem como tema a produção cacauzeira. Este jornal acabou compartilhando do mesmo entendimento do jornal A Tarde ao creditar ao colonialismo britânico a evolução da produção cacauzeira na Costa do Ouro. Este

entendimento não corresponde à bibliografia que contraria as afirmações dos periódicos sinalizando que o cultivo, produção e desenvolvimento da cultura do cacau na região foi fruto do investimento e interesse dos próprios africanos. O cultivo do cacau passou a ser considerado “filha adotiva do governo colonial”, pois os africanos já o tinham evoluído ao ponto deste ser uma realidade na região.

Essa característica dos periódicos, a serviço de seus proprietários, em valorizar a colonização, extrapola a questão econômica, pois esta atuação dos jornais alcançou a esfera política, neste caso com outra roupagem acrescenta-se também uma cópia por parte dos africanos dos poderes políticos de suas metrópoles, insuficiência em se autogovernar e obviamente a supervalorização do colonizador que “proporcionou” aos seus colonos meios para a sua autonomia política.

A esfera política abordada pelas reportagens chegou a apresentar que Kwame N’krumah, então primeiro-ministro, aprovou uma resolução na qual a rainha da Inglaterra seria a chefe de um Estado independente e soberano com o nome de Gana, sendo que este expoente e líder do CPP sempre discursou em prol da autonomia completa da Costa do Ouro. Esta informação concedida pelo jornal esconde uma das principais posturas dos africanos frente ao colonialismo europeu, a resistência, o fato de propor um estado soberano e autônomo no qual a rainha da Inglaterra seria a chefe representaria uma insegurança, incapacidade, ou até mesmo reconhecimento dos benefícios da colonização, pelos próprios africanos, o que não corresponde à realidade do processo de emancipação da Costa do Ouro.

O processo político vivenciado pela Costa do Ouro durante o período estudado não despertou tanto interesse ao *A Tarde* e ao *Diário*, em comparação a produtividade cacauzeira. No entanto, ao referir-se a essa temática, os jornais destacaram o ímpeto inglês em conceder aos africanos desta localidade os frutos dos longos anos de colonização. As reportagens sobre a entrada de Gana nas Nações Unidas com indicação inglesa e dos seus aliados, França e Austrália vem acompanhado dos méritos dirigidos a ex-metrópole pelo “amadurecimento” democrático da região africana.

As informações veiculadas nos jornais que expressaram esse teor positivo da colonização simbolizavam um reforço ao argumento da necessidade de colonizar que justificava a ação dos países europeus, desde os anos 80 do século XIX, a realizarem a Partilha da África.

Podemos afirmar que o interesse das classes dirigentes baianas ao reproduzirem esse suposto ideal benéfico da colonização em África estava ligado ao desenvolvimento alcançado pela Costa do Ouro na produção do cacau, assim como o “amadurecimento” político em que a região se encontrava, dando projeção as intervenções inglesas por essas condições. Reportagens tendenciosas que, em algumas circunstâncias, se afastam da realidade contribuindo para a formação das ideias errôneas sobre a África.

As classes dirigentes da Bahia utilizaram os seus jornais para difundir a exaltação dos feitos e referenciais europeus pela África e isso tem reflexos nas relações raciais no Brasil como pode ser constatado quando, diante da presença dos africanos da Costa do Ouro em Salvador, tais veículos buscaram afirmar que não existe discriminação racial em nosso território. Com esta postura este grupo atuante da sociedade baiana afasta, omite e altera todas as possibilidades de proporcionar uma ideia de África que favoreça a construção de laços identitários.

Por isso este estudo teve o intuito de trazer contribuições como uma constatação do uso dos veículos de comunicação para deslegitimar os processos históricos porque passavam o continente africano durante o contexto das lutas por emancipação. Outra contribuição deste material se configura na elaboração de informações, de dicas sobre a região da Costa do Ouro podendo ser utilizada como acervo bibliográfico da educação básica.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio Weber. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

AJAYI, J. F. Ade. **A África às vésperas da conquista europeia**. In: História geral da África VI: África do século XIX à década de 1880 / editado por J. F. Ade Ajayi. – Brasília: UNESCO, 2010, pp.905-929.

ALMEIDA, Jorge. **A relação entre mídia e sociedade civil em Gramsci**. Revista Compólitica, n. 1, vol. 1, ed. março-abril, ano 2011, pp.120 – 132.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 6ªed. Atual e aumentada. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

AMOS, Alcione Meira e AYESU, Ebenezer. **Sou brasileiro: História dos Tabom, afro-brasileiros em Acra, Gana**. Afro - Ásia, Salvador, 33, 2005, pp. 35-65.

ARHIN, Kwame e KI-ZERBO, Joseph. **Estados e povos do Arco do Níger e do Volta**. In: História geral da África VI: África do século XIX à década de 1880/editado por J. F. Ade Ajayi. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 771-812.

ARNAUT, Luiz e LOPES, Ana M.. **História da África: uma introdução**. 2ªed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. In: Bakhtin: Dialogismo e construção do sentido. 2ª ed. Ver. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, pp.25-36.

BENOT, Ives. **Ideologias das Independências Africanas** Volume I. Luanda: Instituto nacional do Livro e do Disco, 1981.

BETTS, Raymond F. **A dominação europeia: métodos e instituições**. (Revisão de A. I. Asiwaju). In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp352-376.

BINEY, Ama. **The political and social thought of Kwame Nkrumah**. New York: PALGRAVE MACMILLAN, 2011.

BITTENCOUR, Marcelo. **Colonialismos, descolonizações e crises na África**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http:// www.comciencia.br/comciencia/.htm](http://www.comciencia.br/comciencia/.htm)>.

BLAY, J. Benibengor. Nkrumah – **O Pan-Africano**. Traduzido por José Luiz Pereira da Costa. Acra: 1973.

BOAHEN, Albert Adu. **A África diante do desafio colonial**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010a, pp.1 - 20

BOAHEN, Albert Adu. **Política e nacionalismo na África ocidental, 1919-1935**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010b, pp. 727-756.

BOAHEN, Albert Adu. **Os Estados e as culturas da costa da Guiné Inferior**. In: História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília: UNESCO, 2010c, pp.475-518.

BOAHEN, Albert Adu e SURET-CANALE, Jean. **A África ocidental**; In: História geral da África, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. - Brasília: UNESCO, 2010, pp.191-228.

BRAVO, Guilherme Pigozzi. **O partido Impresso: Imprensa e Hegemonia no pensamento político de Antônio Gramsci**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

BRITTOS, Valério C. e GASTALDOS, Édison. **Mídia e Controle Social**. ALCEU - v.7 - n.13 - p. 121 a 133 - jul./dez. 2006.

CARVALHO, Juvenal. **A ideia de África: obstáculo Para o ensino de História africana no Brasil**. *Projeto História, São Paulo, n. 44, pp. 343-353, jun. 2012.*

CARVALHO, Juvenal. Veja: **Um olhar sobre a Independência de Angola**. São Paulo: Gandalf, 2009.

CROWDER, Michael. **A África sob domínio britânico e belga**. In: História geral da África, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília: UNESCO, 2010, pp.89-122.

DINIZ, José Péricles. **O impresso na prática**. Cruz das almas/BA: UFRB, 2013. .

DZIDZIENYO, Anani. **A África vista do Brasil**. Afro-Asia nº 10-11, pp.79-97.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1988.

FRANKEL, Jeffrey A. **Cocoa in Ghana: the cocoa farmers, the cocoa marketing board, and the elasticity of supply**. 1974.

GROSSMAN-GREENE, Sarah e BAYER, Chris. **A Brief History of Cocoa in Ghana and Côte d'Ivoire**. Tulane University 2009.

GUEYE, M'Baye e BOAHEN, Albert Adu. **Iniciativas e resistência africanas na África ocidental, 1880-1914**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp.129-166

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al.] – 2ª ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea** – São Paulo: Selo Negro, 2005.

KANIKI, Martin H. Y. **A economia colonial: as antigas zonas britânicas**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 437 - 483

KODJO, Edem e CHANAIWA, David. **Pan-africanismo e Libertação**. In: História geral da África, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. - Brasília: UNESCO, 2010c, pp.897-924.

KOLAVALLI, Shashi e VIGNERI, Marcella. **Cocoa in Ghana: Shaping the Success of an Economy**. In: Yes, Africa Can: Success stories from dynamic continent. Editado por Punam Chuham-Pole e Manka Angwafo. Washington, 2011 pp. 201-217.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Fontes Históricas. 2ªed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008 pp. 111 - 153

MALOWIST. M. **A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África**. In: História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 01-26.

MARQUES, Mauro Luiz Barbosa. **Jornalismo e Imprensa: Relações com o civilizado, o histórico e o político**. Revista Crítica Histórica, Ano III, Nº 5, Julho/2012, pp.232 – 245.

MARTINS, A. L. e DE LUCA, T. R. (Org.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações. Tomo II**. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MAZRUI, Ali A. **“Procurai primeiramente o reino político...”**. In: História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010, pp.125-150.

MELO, Filipe Reis. **Mídia como instrumento de controle social**. UNIREvista - Vol. 1, nº 3: julho 2006.

MENDONÇA, Maria Gusmão de: **Histórias da África**. São Paulo: LCTE Editora, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **A mestiçagem no pensamento brasileiro**. In: Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NKRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo, último estágio do imperialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, nº 3, 2003, pp. 421-461.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre a África: Diálogos sobre a representação dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico (1990 – 2005)** tese doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A relação entre a História e a Imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. *Historiæ*, Rio Grande, ano 2, nº 3: 125-142, 2011.

OLIVER, Roland. **A Experiência Africana: da Pré-História aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

PAIVA, Ruy Miller. **VITA**. In: Anais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. São Paulo V.43, nº 2, 1986.

PEIXOTO JUNIOR, José Carlos. **A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia 1935-1941 Um estudo de caso**. Dissertação de mestrado em História Social. Salvador: UFBA, 2003.

PERSON, Yves. **Os povos da costa – primeiros contatos com os portugueses – de Casamance às lagunas da Costa do Marfim**. In: História geral da África, IV: África do século XII ao XVI / editado por Djibril Tamsir Niane. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp.337-359.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. 2ªed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

REIS, Meire Lucia Alves dos. **A Cor da Notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana 1888-1937**. Dissertação de mestrado em História Social Salvador: UFBA, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Mídia e História: ambiguidades e paradoxos**. In: Quinze anos de História. Rio de Janeiro, Rede Globo de Televisão, 1984.

RIBEIRO, Carlos e BOAVENTURA, Edivaldo. **Um Século de Jornalismo na Bahia, 1912 – 2012** / [texto Carlos Ribeiro]. – Lauro de Freitas, BA: Solisluna Editora, 2012.

RODNEY, Walter. **A economia colonial**. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 377 - 399

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Diário de Notícias**. In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós 1930 volume V 2ªed, editora CPDOC, 2001.

SANTIAGO, Theo (org.). **Descolonização**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

SCHIWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. 8ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRANO, Carlos Moreira Henriques e MUNANGA, Kabengele. **A Revolta dos Colonizados. O Processo de Descolonização e as independências da África e da Ásia**. São Paulo: Atual Editora, 1995

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Maurício. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. 3ed. Revista e ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SILVA JR., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. – Brasília: UNESCO, 2002.

SILVA, Wilton Valença da. **O Petróleo na Bahia**. Revista História da Bahia. Salvador: Vento Leste, 2010, págs. 12 – 19.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ªed (atualizada) – Rio de Janeiro: Manuad, 1999.

SPANNENBERG, A. C. M. **A modernização do jornalismo baiano - Um breve olhar sobre a proposta modernizante do jornal A Tarde**. In: Anais do 4o. Encontro Nacional de História da Mídia, 2006, São Luís - Maranhão. - Revisão Crítica dos 300 anos de censura, 2006.

SPANNENBERG, A. C. M.. **Entre modernidade e conservadorismo**. Observatório da Imprensa, 16 out. 2012.

SPANNENBERG, A. C. M.. **Jornalismo Científico: Desafio para a mídia baiana**. In: IV Semana Acadêmica da FSBA, 2006, Salvador. IV Semana Acadêmica da FSBA - Anais - Educação de Qualidade para Todos (Programação e Resumos). Salvador / BA: Instituto Social da Bahia, 2006. V. 1. pp. 98-99.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Coord.). **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. Salvador: Academia Brasileira de Letras, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes. **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. 2. Ed., revista e ampliada. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008.

VILLEN, Patrícia. **A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo: Entre a harmonia e a contradição**. 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

WONDIJ, C. . **Os Estados e as culturas da Costa da Alta Guiné**. In: História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília: UNESCO, 2010, pp. 437-473.

ZAMPARONI, Vladimir. **A África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro**. Cienc. Cult. vol.59 no. 2 São Paulo Apr./June 2007.

ZICMAN, René Barata. **História através da imprensa – algumas considerações metodológicas**. Projeto História. Revista de estudos pós-graduados em História da PUC. 1985 – v.4, pp.89 – 102.